

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS MÁRIO DA SILVA SILVA

FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA EM SÃO LUÍS:

Um retrato do Complexo Deodoro

São Luís

2024

LUCAS MÁRIO DA SILVA SILVA

FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA EM SÃO LUÍS:

Um retrato do Complexo Deodoro

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, em cumprimento das exigências para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Rosilan Mota Garrido

Co-orientador(a): Prof. Me. Francisco Armond do Amaral

São Luís

2024

Silva, Lucas Mário da Silva.

Fotografia arquitetônica em São Luís: um retrato do Complexo Deodoro. / Lucas Mário da Silva. – São Luís, 2024.

82 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Rosilan Mota Garrido.

1. Fotografia. 2. Complexo Deodoro. 3. Praças. 4. São Luís I. Título.

CDU: 77.03:72(812.1)

Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939

LUCAS MÁRIO DA SILVA SILVA

FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA EM SÃO LUÍS:

Um retrato do Complexo Deodoro

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, em cumprimento das exigências para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rosilan Mota Garrido (Orientadora)

Doutora em Arquitetura

Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Me. Francisco Armond do Amaral (Co-orientador)

Mestre em Design

Universidade Estadual do Maranhão

Jade Rolim Garrido (Examinador Externo)

Graduada em Arquitetura e Urbanismo

Pós-graduada em Auditoria, Avaliações e Perícias de Engenharia

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, prof.^a Rosilan e prof. Armond, por me apoiar em tudo que era necessário para realização deste trabalho, e direcionando para o caminho correto.

Agradeço a minha amiga Natália, que, além de ter emprestado sua câmera, me acompanhou no ensaio fotográfico, garantindo que tudo desse certo.

Também sou grato a todos os meus amigos, Daniel, Kaled, Leandro e Ronan, que, de alguma forma, conseguiram lidar comigo durante esses 5 anos, e por terem sido tão queridos, me ajudando em diversos projetos e dividindo inúmeros momentos de estresse durante essa jornada. Há a tendência a seguirmos caminhos opostos, *“mas nós somos a exceção”*, então espero tê-los sempre ao meu lado.

Obrigado a minha amiga Raquel, que me deu o suporte que eu precisei em diversos momentos ao longo da nossa amizade, que, apesar de ter sido há (bem) menos tempo do que parece, a tenho como uma irmã para mim. Obrigado por ter me escutado inúmeras vezes, dos mais sérios aos mais tolos dos problemas. Todos os momentos que compartilhamos juntos e os desafios ultrapassados nunca serão esquecidos.

À minha mãe, ao meu pai e a minha tia. Sem o apoio da minha família, esse trabalho nunca teria existido e, sem eles, eu não teria chegado aonde cheguei. Sei que posso não demonstrar da melhor forma possível o quanto sou grato, porém saibam que, sem vocês, o “eu” que aqui escreve não existiria e, por isso, são preciosos para mim. A vocês devo minha vida e a mais eterna gratidão.

Para todos aqui citados, e a todos que me ajudaram em algum momento, o meu mais sincero *“muito obrigado!”*.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa sobre o Complexo Deodoro e como este espaço se modificou até chegar no estado que conhecemos hoje, avaliando sua evolução através da história, utilizando fotografias históricas do local, provenientes de alguns importantes álbuns do estado do Maranhão, e novas imagens desse recorte. Destarte, esse trabalho tem como objetivo compreender o desenvolvimento dessa importante localidade da cidade de São Luís, estudando, gerando uma linha do tempo e uma análise dos elementos do Complexo Deodoro atualmente, tais como seu traçado, sua vegetação, além de outras características que compõe este espaço público. Sendo assim, foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando fotos antigas do complexo como referência de comparação, em conjunto com fotografias autorais. Por fim, compreendendo todas as alterações que levaram ao Complexo Deodoro a ser o lugar que ele é hoje, resultante de um traçado retilíneo, e entendendo as nuances por trás de seus elementos e seu papel na São Luís de hoje.

Palavras-chave: Fotografia; Complexo Deodoro; Praças; São Luís.

ABSTRACT

This project is a research about the Deodoro Complex and how it has evolved to reach the place it is today, evaluating its development throughout history, using historical photographs of the location from some important albums of the state of Maranhão, and new images of this area. Therefore, this work aims to understand the development of this important locality in the city of São Luís, creating a timeline and analyzing the elements of the Deodoro Complex currently, such as its layout, vegetation, and other characteristics that compose this public space. Thus, qualitative research was conducted, using older photos of the complex as a reference for comparison, along with new authorial photographs. In conclusion, understanding all the changes that led to the “*Complexo Deodoro*” that is known to this day, resulting from a rectilinear layout, and understanding the nuances behind its elements and its role in today's São Luís.

Keywords: Photography; Complexo Deodoro; Squares; São Luís.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Áreas de tombamento	37
Mapa 2 – Desenvolvimento do traçado de São Luís.....	38
Mapa 3 – Complexo Deodoro em 1912.....	39
Mapa 4 – Traçado do Complexo Deodoro em 2006	40
Mapa 5 – Complexo Deodoro, imagem por satélite.	59
Mapa 6 – Complexo Deodoro e seu entorno.....	59
Mapa 7 – Áreas Verdes.....	63

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Registro de 1544 do funcionamento de uma câmara escura	17
Figura 2 – Câmera Pinhole feita com uma lata.....	17
Figura 3 – Primeira foto	18
Figura 4 – Daguerreótipo.....	19
Figura 5 – Impressão negativa de um calótipo e sua inversão em papel.	19
Figura 6 – Rua Portugal, Centro Histórico – São Luís–MA.....	26
Figura 7 – Avenida Contorno Sul, Cohatrac – São Luís–MA.....	26
Figura 8 – Praça do conhecimento, revitalizada – Rio de Janeiro–RJ	29
Figura 9 – <i>Photografia União</i> ,1908 – São Luís, MA	30
Figura 10 – Panfleto comercial da <i>Photografia União</i>	32
Figura 11 – Capa do álbum de 1913	33
Figura 12 – Mapa de São Luís, Álbum do Maranhão, 1950	34
Figura 13 – Estação Ferroviária João Lisboa	35
Figura 14 – Palácio da Educação.....	36
Figura 15 – Desfile da Escola Normal de São Luís	36
Figura 16 – Avenida Silva Maia, 1908	42
Figura 17 – Alameda Silva Maia, 1913.....	42
Figura 18 – Alameda Silva Maia, 2011	43
Figura 19 – Alameda Silva Maia, 2017.....	44
Figura 20 – Avenida Silva Maia, 2024	44
Figura 21 – Avenida Gomes de Castro, 1908.....	46
Figura 22 – Avenida Gomes de Castro, 1913.....	46
Figura 23 – Avenida Gomes de Castro, 2011.....	47
Figura 24 – Avenida Gomes de Castro, 2024.....	48
Figura 25 – Praça Deodoro, 1908.	49
Figura 26 – Praça Deodoro, 1950	49
Figura 27 – Detalhe do coreto, 1950	50
Figura 28 – Praça Deodoro, 2011	51
Figura 29 – Coreto da Praça Deodoro, 2011	51
Figura 30 – Praça Deodoro, 2024	52
Figura 31 – Praça Deodoro, vista norte.....	52

Figura 32 – Praça Deodoro, faixa oeste	53
Figura 33 – Praça do Pantheon, 1908	54
Figura 34 – Praça do Pantheon, 1913	55
Figura 35 – Biblioteca Benedito Leite, 1950	56
Figura 36 – Praça do Pantheon, 2017	56
Figura 37 – Praça do Pantheon, 2023	57
Figura 38 – Praça Deodoro e seus dois níveis.	60
Figura 39 – Escadaria da Praça Deodoro.....	61
Figura 40 – Pisos táteis na Alameda Silva Maia.....	62
Figura 41 – Vista superior da pavimentação na Praça do Pantheon	62
Figura 42 – Alameda Silva Maia e seus oitis	64
Figura 43 – Novas árvores plantadas na Praça Deodoro	64
Figura 44 – Novas mudas encontradas na Praça Deodoro	65
Figura 45 – Pergolado com primaveras.....	66
Figura 46 – Folhagem da primavera encontrada na Praça do Pantheon	66
Figura 47 – Palmeiras em frente a Biblioteca Benedito Leite	67
Figura 48 – Palmeira sem copa na Praça do Pantheon	67
Figura 49 – Novas palmeiras na Praça do Pantheon	68
Figura 50 – Gradis nos canteiros, Alameda Gomes de Castro.....	68
Figura 51 – Ixoras na Praça do Pantheon	69
Figura 52 – Bancos da Alameda Gomes de Castro	70
Figura 53 – Lixo acumulado na Rua do Passeio	70
Figura 54 – Pichações em banco na Alameda Silva Maia.....	71
Figura 55 – Entrada do banheiro masculino	72
Figura 56 – Sequência de bustos na Praça do Pantheon	73
Figura 57 – Busto de Urbano Santos	74
Figura 58 – Escultura de matracas	75
Figura 59 – Vendedor de churros na Alameda Gomes de Castro	76
Figura 60 – Aglomeração de pessoas em ponto de ônibus na Avenida Silva Maia ..	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Justificativa	11
1.2	Sobre a literatura	12
2	OBJETIVOS	14
2.1	Objetivo geral	14
2.2	Objetivos específicos	14
3	METODOLOGIA	15
4	FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA	16
4.1	História da fotografia	16
4.2	Fotografia como documentação	19
5	A IMAGEM	22
5.1	O fazer da imagem	22
5.2	O valor da imagem	25
6	FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA EM SÃO LUÍS	30
6.1	Gaudêncio Cunha	31
6.2	Álbum do Tricentenário de Fundação da Cidade de São Luís	33
6.3.	Álbum do Maranhão de 1950	34
7	O COMPLEXO DEODORO	37
7.1	Localização	37
7.2	História do Complexo Deodoro	38
8	ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS	41
8.1	Avenida Silva Maia	41
8.2	Avenida Gomes de Castro	45
8.3	Praça Deodoro	48
8.4	Praça do Pantheon	54
9	O COMPLEXO ATUALMENTE	59
9.1	Traçado	59
9.2	Pavimentação	61
9.3	Vegetação	63
9.4	Equipamentos Urbanos e infraestrutura	69
9.5	Monumentos	72
9.6	Entorno	75
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, ao visitarmos um local, como uma escola, uma rua, um edifício antigo, entre diversas outras expressões do urbano, é comum buscar experienciar essa vivência das mais variadas formas, seja apenas passando um tempo no local ou admirando seus traços e formas. Dessa forma, é natural que a ideia de guardar recordações seja explorada, nascendo assim vários registros do que estamos testemunhando, como em uma fotografia, que, por sua vez, grava esses pequenos pedaços da memória desse ambiente.

Este trabalho é uma pesquisa investigativa por meio de fotografias de um dos mais importantes locais da cidade de São Luís: o Complexo Deodoro, que hoje representa um dos principais polos econômicos da capital maranhense, além de um espaço histórico da formação da cidade. Afinal, ao vermos esse espaço público como é atualmente, perguntas como “este lugar sempre foi assim?” e “como o Complexo evoluiu?” podem surgir, se mostrando um enigma que pode ser respondido por meios tanto textuais, quanto fotográficos, ou seja, por estes fragmentos do passado, gravados em um papel, que perpetuam a memória da nossa história.

O desenvolvimento desta pesquisa permite acompanhar o crescimento e as mudanças que ocorreram no Complexo Deodoro ao longo dos anos, formando uma linha do tempo usando suas fotografias e imagens como referência, além de uma análise de seu estado atual, com suas características mais relevantes.

1.1 Justificativa

Do ponto de vista da arquitetura, a fotografia desempenha um papel imprescindível atualmente, devido ao seu valor documental, através do registro fotográfico de diversos aspectos do espaço arquitetônico, permitindo a captura de diversos traços físicos, e, por vezes, culturais, de edifícios e espaços urbanos. Desse modo, a fotografia permite gravar detalhes específicos, como sua forma, sua estrutura, os materiais utilizados, entre diversos outros elementos individuais de

cada espaço que está sendo representado. Essa riqueza de informações faz com que tenhamos um grande acervo do que hoje compõem as cidades que vivemos, assim como compreender melhor o nosso passado, a fim de entender onde estamos e como podemos desenvolver um futuro melhor.

Além disso, vale ressaltar que a fotografia possui um grande valor comercial, sendo responsável por grande parte das divulgações do trabalho de diversos arquitetos. Outro campo é a divulgação da própria cidade, visando o turismo, promovendo renda e divulgando a história do estado do Maranhão.

Ademais, a fotografia pode ser compreendida como uma forma de expressão artística. As imagens que encontramos refletem o olhar do seu respectivo fotógrafo, marcando, em cada cena, como cada lugar é visto pelo seu próprio povo, em adição, permitindo a captura de momentos específicos que outrora aconteceram, como festivais, desfiles, protestos, entre diversos outros casos singulares a história desse local.

Outro aspecto muito importante é o próprio Complexo Deodoro, que, além de ser um dos lugares de São Luís com grande fluxo de pessoas utilizando o espaço, servindo como área comercial e uma grande quantidade de serviços institucionais, como escolas, e pontos turísticos, a exemplo da Biblioteca Pública Benedito Leite. Todas essas características são somadas ao fato do local ser considerado parte do Centro Histórico ludovicense, sendo este um espaço marcado pela história da própria criação da cidade.

1.2 Sobre a literatura

Dado este contexto, surge a necessidade de compreender os conceitos por trás da imagem, elemento principal da fotografia, assim como a sua própria definição. Dessa forma, entender como a imagem e o objeto arquitetônico “se comunicam” através do tempo, expondo sua história. Destarte, é importante compreender o contexto que se situavam os autores das fotografias mais antigas da cidade, a fim de visualizar melhor, não apenas os elementos da própria imagem, mas também suas limitações e intenções.

Logo, alguns autores apresentam grande relevância à temática abordada, como o caso de Juhani Pallasmaa, arquiteto finlandês, autor do livro “*Os olhos da pele*”, de 1996. Nessa obra, Pallasmaa explana os conceitos por trás da experiência arquitetônica e como cada um dos nossos sentidos responde a ela. Em suma, Pallasmaa explana a relação do objeto para o homem, além de como a imagem representa um aspecto limitado, porém único, para nós.

Em “*A câmara clara*” (1980), escrita pelo filósofo francês Roland Barthes (1915–1980), as noções envolvendo o valor da própria fotografia são debatidas. Tendo em vista o contexto do começo do desenvolvimento dessa arte, Barthes discute como uma foto se diferencia dos valores de outras formas de representação da realidade, como uma pintura, por exemplo. Esse discernimento é fundamental para compreender o que é o ato fotográfico, afinal, uma foto é uma gravação direta da luz.

Para entender a relação da imagem e do urbano, temos a obra “*A imagem da cidade*” (1960), por Kevin Andrew Lynch (1918–1984). Nesse livro, compreendemos melhor a relação da forma que a cidade ganha em função de seu uso para as pessoas, e de que maneira os diversos signos que encontramos no urbano possuem influência em nosso cotidiano.

Ao considerarmos a natureza dessa pesquisa, também é necessário entender qual o contexto envolvendo o próprio Complexo Deodoro, como a sua história e os fotógrafos que capturaram esses momentos. Assim, um dos principais fotógrafos da história brasileira, Gaudêncio Cunha, autor do “*Álbum do Maranhão*”, de 1908, traz um acervo indispensável para este trabalho. De forma similar, também serão trabalhados o “*Álbum do Maranhão*” de 1913 e o “*Álbum do Maranhão*” de 1950, organizado por Miécio de Miranda Jorge.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as mudanças do Complexo Deodoro por meio de registros fotográficos, históricos e autorais, para compreender seu desenvolvimento.

2.2 Objetivos Específicos

- Estudar o histórico do Complexo Deodoro;
- Analisar os aspectos físicos do Complexo Deodoro;
- Identificar os aspectos de maior modificação do Complexo Deodoro.

3 METODOLOGIA

Conforme os objetivos do estudo realizado, e para atingir os objetivos, constitui-se uma pesquisa qualitativa, sobre o Complexo Deodoro, por meio de fotografias autorais e registros fotográficos antigos, a fim de analisar como este espaço modificou-se em função do tempo.

Portanto, o recorte utilizado para a pesquisa foi o Complexo Deodoro, localizado no Centro Histórico de São Luís, Maranhão, o qual é delimitado pelas vias: Avenida Silva Maia (ao norte); Avenida Gomes de Castro (ao Sul); Rua Urbano Santos (a leste); e Rua de Santaninha (a oeste). Além disso, o espaço também é cortado pela Rua do Passeio.

Definido então o recorte a ser estudado, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o histórico da região. Com o intuito de desenvolver o embasamento teórico necessário para a realização desta pesquisa, será estudado as noções de imagem e fotografia maranhense.

Após a fase de pesquisa bibliográfica, foi realizado o levantamento fotográfico do Complexo Deodoro, abrangendo as duas praças, Praça Deodoro e Praça do Pantheon, e suas duas Alamedas, Alameda Silva Maia e Alameda Gomes de Castro, visando sua parte interna e arredores, assim como os registros de fotografias com enquadramentos similares as fotos antigas encontradas da região.

As imagens foram comparadas com fotos do Complexo Deodoro feitos em diferentes anos, por diferentes fotógrafos, a fim de compreender a evolução de sua imagem, gerando assim uma linha do tempo com as fotografias, destacando os principais pontos de mudança entre cada estágio de sua história.

Após a realização dos aspectos comparativos, o Complexo Deodoro teve seus elementos analisados, tais como o seu traçado, a sua vegetação, sua pavimentação, monumentos, entre outras características relevantes como espaço público, compreendendo, assim, seu estado atual.

4 FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA

A fotografia é uma mídia muito presente hodiernamente. Sua flexibilidade de usos permite inúmeras formas de representação da realidade que queremos transmitir, e para a arquitetura não é diferente. O registro de casas, edifícios, ruas, entre vários outros elementos da cidade (incluindo a própria cidade em si), permite que a fotografia e a arquitetura se relacionem e se desenvolvam.

A fotografia pode ser definida como a arte de captar a luz, de onde o seu nome que significa “escrever com a luz” — combinação dos termos gregos “*phōtos*”, que significa luz, e “*graphia*” que significa escrever, gravar. Essa definição faz com que a fotografia atinja campos muito maiores do que apenas a gravação da luz visível em uma tela ou em um papel. A captura de outros elementos também pode formar imagens, como a captura de outros comprimentos de onda, raios infravermelhos, a formação de radiofotos, através da radiografia,¹ fazem com que a fotografia alcance diversas outras áreas (Joly, 2007).

4.1 História da fotografia

Para dar origem a esse processo de fixação da luz em uma superfície, diversos métodos foram desenvolvidos para atingir este objetivo antes de termos a fotografia que conhecemos hoje, ou até mesmo o uso de câmaras escuras. Estudos relacionados à formação de imagens já podiam ser observados há cerca de 2500 anos na China, quando foi notado que a luz, ao passar por um pequeno orifício, reproduzia uma cópia invertida e escurecida de um objeto.

Aristóteles também havia notado que, durante um eclipse solar, é possível ver a forma crescente da luz do Sol nas sombras das folhas. No Renascimento², esses estudos e observações dos fenômenos ópticos levaram à criação do conceito de “câmara escura” – que pode ser compreendido como “quarto escuro” —, no qual este ambiente permitiria o controle da entrada da luz para a formação de imagens

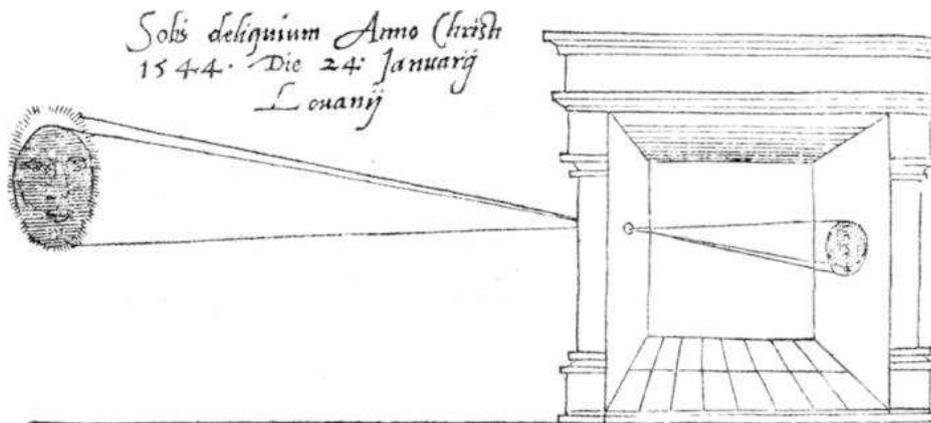
¹ Mais popularmente conhecido como raio-x.

² O Renascimento foi um movimento cultural europeu que iniciou no século XIV e se estendeu até o século XVII (Bezerra, 2015).

em um plano. A câmara então passou a ser a base dos estudos que levaram ao desenvolvimento da fotografia atual (Rosenbliim, 1997).

Também temos uma técnica chamada de câmara estenopeica (**Figura 2**), ou câmara *pinhole*³. Essa técnica consiste em utilizar latas ou qualquer recipiente que possa servir como uma câmara escura, porém sem utilizar lentes, e então fazer um pequeno buraco câmaras para permitir a entrada de luz, onde haverá a formação de uma imagem em alguma superfície fotossensível, como um filme ou papel fotográfico (Vieira, 2012).

Figura 1 – Registro de 1544 do funcionamento de uma câmara escura



Fonte: Junior (2023).

Figura 2 – Câmera Pinhole feita com uma lata



Fonte: Cregan (2020).

³ Do inglês “pin-hole”, que pode ser traduzido como “buraco de agulha”.

A fotografia como conhecemos hoje começou em 1826, na França, com a primeira foto (Figura 3) sendo registrada por Joseph Nicéphore Niépce, que desenvolveu o primeiro mecanismo para gravação da luz, ao utilizar uma câmara escura, capturando os telhados das casas vizinhas (Amar, 2001).

Figura 3 – Primeira foto



Fonte: Junior (2023).

Porém, o principal desenvolvimento desse mecanismo ocorreu em 1839, com a invenção do daguerreótipo (Figura 4), pelo seu criador Louis-Jacques-Mandé Daguerre, onde houve o aperfeiçoamento do mecanismo criado por Niépce. O daguerreótipo consistia na longa exposição ótica e química da luz em uma chapa de metal (Rosenbliim, 1997).

Ao mesmo tempo, em Londres, outro mecanismo havia sido desenvolvido – também utilizando uma câmara escura. Esse dispositivo, criado por William Henry Fox Talbot, ficou conhecido como calótipo (ou talbótipo), e, assim como o daguerreótipo, também invertia a imagem, porém este dispositivo também gerava uma imagem negativa (como no exemplo da Figura 5), necessitando então de uma inversão posteriormente. Apesar de ter sido menos popular, o desenvolvimento feito

por Talbot foi fundamental para o desenvolvimento da câmera fotográfica, pelos usos de seus materiais (Rosenbliim, 1997).

Figura 4 – Daguerreótipo



Fonte: Neto (2011)

Figura 5 – Impressão negativa de um calótipo e sua inversão em papel.



Fonte: Galdino (2015)

4.2 Fotografia como documentação

De acordo com Kossoy (2012), a fotografia permitiu com que o desenvolvimento do conhecimento humano deixasse então de ser apenas referenciado por meio de textos, tornando-se assim mais precisos, atingindo um

maior grupo de pessoas, ao se permitirem a, não apenas transmitir a informação verbalmente, mas também de forma pictórica.

Para isso, o desenvolvimento da indústria fotográfica foi bastante impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa, que permitia a multiplicação das imagens formadas, através da criação de cópias, para então serem compartilhados ao redor do mundo:

Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes. Micro aspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu gradualmente substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado (Kossoy, 2012, p.28–29).

Desse modo, a partir de 1840, o registro de diferentes aspectos da sociedade pôde ser capturado, e então guardados, na forma de fotografias. Destarte, características, como estruturas físicas da cidade, contextos sociogeográficos, paisagens, pessoas, entre diversos outros eventos, puderam ser preservados, para que pudessem ser então documentados e estudados, permitindo assim a preservação da nossa história (Kossoy, 2012).

Entretanto, o uso da fotografia como documentação não foi completamente aceito de imediato, onde até mesmo pesquisas científicas sobre a própria fotografia eram raras. Dessa forma, o uso de imagens foi ganhando gradualmente seu papel no mundo acadêmico. Kossoy (2012, p. 31) então explana:

As instituições que guardam este tipo de documentação devem perceber que, à medida que esta se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e, portanto, menos úteis serão ao conhecimento,' justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções. Embora atualmente já haja uma conscientização maior por parte das instituições em relação à importância da imagem enquanto fonte de informação histórica, antropológica, etnográfica, muito ainda há para ser mudado em termos de mentalidade.

Sendo assim, a fotografia precisava ganhar o seu espaço como fonte histórica e instrumento de pesquisa. Kossoy (2012) então destaca possíveis explicações do seu “preconceito”. Um dos principais motivos para a rejeição da fotografia nesse meio seria o conservadorismo dos métodos tradicionais de transmissão da

informação, que se dava quase que exclusivamente por meio da escrita, enquanto uma fotografia precisaria ser guardada, lida, e interpretada de forma menos objetiva.

Este tipo de contraste revela como a nossa sociedade se adaptou a uma nova tecnologia de diferentes modos. O avanço da tecnologia no final do século XIX, com a resistência do uso de fotografia, ao ser comparado com o uso da fotografia hoje, torna perceptível que, não apenas como o seu avanço foi gradual, mas como também a sua colocação como uma das principais ferramentas de estudo, ganhando amplas proporções hodiernamente, fazendo com que o uso de fotos seja indispensável na maioria dos trabalhos acadêmicos por todo o globo.

5 A IMAGEM

5.1 O fazer da imagem

Quando falamos sobre fotografia, uma das principais características a serem observadas é a imagem formada por ela. Entretanto, a imagem que vemos não é apenas um feixe de luz ordenado que interpretamos; cada figura carrega consigo um significado, fazendo com que a fotografia represente algo. A própria definição de “imagem” já nos traz essa informação, sendo definida como “imitação” e, diretamente, “representação”.

Para a arquitetura, a imagem também é muito importante, pois uma das principais formas de experienciar o ambiente é através da visão. Por meio desse sentido, podemos ver as formas, as cores, identificar texturas e diversas outras características do espaço.

Para Pallasmaa (2011), todos os nossos sentidos estão atrelados ao nosso tato, e com a visão não é diferente. A ideia se baseia na noção de individualidade, onde o tato tem a função de se localizar no mundo, como a primeira forma de interação com o externo, fazendo do corpo o ponto de vista principal. Portanto, a arquitetura é sentida singularmente pelo indivíduo através de sua presença, não se contendo apenas as imagens observadas pelos olhos humanos. Assim, a arquitetura passa a ser uma experiência artística, compreendida por corpo e alma, onde o ambiente também passa a ter o próprio indivíduo como parte de si.

As imagens de arquitetura feitas com fotografias são imagens centralizadas da *Gestalt*⁴ focada; ainda assim, as características de uma realidade de arquitetura parecem depender fundamentalmente da natureza da visão periférica, que envolve o sujeito no espaço (Pallasmaa, 2011, p. 12).

Uma fotografia sempre possui algo a ser mostrado, entretanto, o que é capturado é restrito aos limites da câmera, mesmo que seu significado possa se estender além dela. Ao compararmos com o olho humano, notamos uma grande diferença de percepção, ou seja, o que é visto por uma lente mecânica não se compara com o visto pelos nossos órgãos naturais. Dessa forma, a experiência do

⁴ “*Gestalt*” é um termo alemão que significa “forma”, é utilizado na psicologia como a ideia da compreensão do todo, para então compreender as partes menores

indivíduo ao vivenciar uma obra arquitetônica, ou a cidade — que em si também é um produto da arquitetura —, através de sua presença no local, é completamente diferente de como uma foto é experienciada. Sendo assim, como a fotografia pode transmitir o espaço arquitetônico para seu leitor, ou como ela pode ser lida, torna-se um questionamento que passa por um processo individual de interpretação.

A ideia da fotografia como forma de representação vem sendo questionada desde suas formas mais primitivas, com a possibilidade de capturar a realidade. Contudo, muitos filósofos e críticos buscaram compreender sua natureza. De acordo com Barthes (1984), a fotografia possui um caráter inclassificável, por ser uma reprodução mecânica de algo, sendo a existência de um objeto a ser reduzido a uma representação obrigatoriamente imagética, seja o alvo uma pessoa ou uma paisagem:

Essa fatalidade (não há foto sem alguma coisa ou alguém) leva a Fotografia para a imensa desordem dos objetos — de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro? A Fotografia é inclassificável porque não há qualquer razão para marcar tal ou tal de suas ocorrências [...], mas para que haja signo, é preciso que haja marca; privadas de um princípio de marcação, as fotos são signos que não prosperam bem [...]. Seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos (Barthes, 1984, p. 16).

É interessante notar como, inicialmente, este autor não compreende a fotografia como algo dotado de significado, devido à sua natureza técnica, pois o valor atribuído a uma obra é completamente voltado ao que seu autor produziu. No entanto, existem diversas maneiras pelas quais o fotógrafo pode deixar sua marca em suas obras, e até mesmo as escolhas mais simples no momento de tirar uma fotografia carregam uma mensagem, existindo, portanto, sempre um significado.

Uma foto nunca é tirada isoladamente; são necessários dois elementos principais (além da própria câmera): um fotógrafo e um objeto a ser fotografado. Assim, considerar a fotografia como algo puramente mecânico é incoerente, pois a intervenção humana é necessária para a realização de uma foto.

Portanto, Barthes (1984) visa compreender como ocorre o processo da fotografia, a fim de definir o que é necessário para sua existência. Ele divide o processo em três partes: o “operador” (o fotógrafo), o alvo a ser fotografado (que ele chama de “*spectrum* da fotografia”) e o “espectador” (todos que veem a foto). Além

disso, a fotografia também é separada em si, vista como resultante de dois processos, um químico — efeito da luz sobre um filme — e um físico — formação da imagem por um dispositivo ótico —, tornando a fotografia diferente de uma pintura por ser uma reprodução fiel, de forma mecânica, enquanto a pintura possui a influência de um terceiro, por mais parecido que seja com a realidade (Barthes, 1984).

Esta visão sobre a fotografia exhibe as marcas de um pensamento do começo do século XX, quando essa tecnologia começou a se popularizar. Esse discernimento entre pintura e fotografia é muito importante para entender como essas linguagens funcionam, não apenas a sua diferença mecânica, mas também os signos que cada obra transmite, o ponto de vista dos seus respectivos autores, e a imagem que temos da nossa realidade. Dessa forma, a fotografia ganha uma posição artística diferente das outras expressões que encontrávamos antigamente, exibindo uma nova forma de enxergar o mundo

Outro autor que também compartilha essa visão sobre os elementos da fotografia é Boris Kossoy⁵ (2012). Para ele, o ato fotográfico ocorre a partir da combinação de três fatores: o fotógrafo, o assunto e a tecnologia — os dois primeiros sendo equivalentes ao operador e ao alvo fotográfico de Barthes, porém ressaltando a "tecnologia", ou seja, o equipamento necessário para a gravação da imagem.

Kossoy (2012) aprofunda sua análise da composição do ato fotográfico ao destacar o “espaço e tempo” (também chamado de “coordenada de situação”) como uma das principais características da fotografia, pois a junção desses elementos seria a formação do fenômeno fotográfico. Uma vez que a localização da foto compõe um dos aspectos mais relevantes de sua composição, essa "localização" não seria apenas geográfica, mas também seu recorte temporal, pois a foto seria uma "cristalização" do tempo, ou seja, a foto seria uma documentação de um momento da história que nunca retornará.

⁵ Nascido em São Paulo em 1941, Boris Kossoy é um fotógrafo, historiador e professor, autor do livro “Fotografia e História”, de 1998. É uma das principais referências brasileiras no estudo de fotografia e jornalismo

5.2 O valor da Imagem

A imagem que temos de algo é fundamental para nossa interpretação e sobrevivência, não apenas na fotografia, mas também na nossa vida cotidiana. O ser humano é um animal visual, que se vale de recursos como placas de trânsito, letreiros e sinais luminosos em seu dia a dia. Todos esses elementos são parte de nossa experiência, refletindo-se em nossas construções e moldando a cidade conforme a percebemos (Lynch, 1960).

A imagem das cidades contemporâneas influencia cada vez mais o planejamento urbano, buscando formas mais simples e adaptando-se aos meios de transporte motorizados, que alcançam velocidades cada vez maiores, resultando em uma vivência dos espaços mais breve (Pallasmaa, 2011).

Esse tipo de mudança na cidade pode ser observado na tipologia das cidades mais recentes. Podemos notar, em uma mesma cidade, a mudança em seu traçado como a principal marca de sua expansão. Ao compararmos as ruas do Centro Histórico de São Luís (Figura 6) com as ruas de bairros mais novos, como o Cohatrac (Figura 7), notamos diferenças enormes, tanto pelas condições físicas desses lugares, mas principalmente pelas diferenças históricas proporcionadas.

Essa mudança nas cidades pode ser observada na tipologia das cidades mais recentes. Podemos notar, em uma mesma cidade, a mudança em seu traçado como a principal marca da sua expansão. Ao compararmos as ruas do Centro Histórico de São Luís com as de bairros mais novos, como o Cohatrac, notamos diferenças significativas, tanto pelas condições físicas desses lugares quanto pelas diferenças históricas que proporcionam.

A forma que a cidade possui nos transmite inúmeras informações sobre ela, como sua idade, onde se desenvolveu, contextos históricos e físicos, entre muitas outras questões técnicas. No entanto, seus traços também afetam diretamente as pessoas que nela vivem, uma ideia amplamente explorada em “A imagem da cidade”, de Kevin Lynch, um dos urbanistas mais influentes do século XX.

Figura 6 – Rua Portugal, Centro Histórico – São Luís–MA



Fonte: Meireles, 2022

Figura 7 – Avenida Contorno Sul, Cohatrac – São Luís–MA



Fonte: Soares, 2019

Um dos principais conceitos trabalhados por Lynch (1960) é a legibilidade da cidade. Para ele, é crucial que a própria forma da cidade seja legível e compreensível para quem a utiliza, onde essa legibilidade deve ser o mais intuitiva

possível, ou seja, os elementos da cidade devem ser facilmente distinguíveis para facilitar seu uso.

Com isso, cogitamos designar a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Tal como esta página impressa, sendo legível, pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis, assim também uma cidade legível seria aquela cujas freguesias, sinais de delimitação, ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais (Lynch, 1960, p. 12).

Dessa forma, percebemos como a imagem influencia a maneira como a cidade será utilizada e como o indivíduo se posiciona, dependendo da imagem que quem usa a cidade tem de seu meio. A organização de um espaço está sujeita a diversos elementos, incluindo elementos gráficos, que orientam o sujeito sobre como se localizar e movimentar no meio urbano, ao mesmo tempo em que a cidade é produto do ser humano.

Portanto, a forma que a cidade assume interfere na maneira como ela é utilizada, onde uma cidade que possui sua imagem – chamada por Lynch (1960) de "imagem do meio ambiente" – facilita o deslocamento do indivíduo, transformando o ambiente de um mero local organizado em um ponto de referência.

As diferentes figuras que encontramos na cidade nos permitem compreender melhor o espaço em que nos situamos. Tais elementos são utilizados quando procuramos um lugar novo onde nunca estivemos ou para marcar um ponto de encontro, por exemplo. Esse aspecto físico das cidades facilita seu uso diário, em comparação com sistemas de endereçamento por códigos, como o CEP⁶.

Para Lynch (1960), essa forma de organizar o espaço faz com que o local se torne um ambiente propício à criação de símbolos, por meio da memória coletiva, que nasce da comunicação dos grupos. Ter um espaço com o qual se conectar, ou seja, a imagem de um bom ambiente, gera um sentimento de segurança emocional, como a ideia de um lar:

O próprio observador deveria desempenhar um papel ativo na percepção do mundo e participar criativamente no desenvolvimento da sua imagem. Ele deveria ter o poder de transformar essa imagem, adequando-a às necessidades em transformação. Um ambiente estruturado em pormenores exatos e definidos pode inibir novos

⁶ Código de Endereçamento Postal

modelos de atividade. Uma paisagem cuja rocha encerra uma lenda pode dificultar a criação de novas lendas (Lynch, 1960, p. 16).

Portanto, as características individuais de cada lugar tornam esses espaços únicos, não apenas do ponto de vista físico, mas também da percepção humana para esse ambiente. A própria definição de imagem é vista como reflexo da interação do observador com o meio ambiente (Lynch, 1960). Assim, o que vemos no dia a dia é também fruto do que vivenciamos, ou seja, o que interpretamos do nosso espaço torna-se inerente ao valor individual de cada um. Essa relação entre cidade e observador, e a imagem gerada, também é refletida na fotografia, que passa a registrar o olhar do observador, deixando de ser apenas uma gravação da realidade para se tornar um reflexo do que o fotógrafo vivencia.

Lynch (1960) também discorre sobre a importância que é a imagem para um grupo, através da forma em que ela pode ser usada como manipulação do meio ambiente físico. O fator cultura é muito importante para como o repertório de imagens semelhantes é interpretado. Assim, o que interpretamos do ambiente deixa de ser dependente de uma estrutura física específica, para fazer parte de um conjunto de padrões, reconhecíveis para um determinado grupo de pessoas.

Esses padrões então interferem com a percepção do espaço, sendo possível o seu uso para gerar essa manipulação, que deixa de ser apenas física, e passa a se tornar psicológica (Lynch, 1960).

Destarte, é muito importante que as cidades tenham uma forma adequada para seu uso, e que a sua imagem seja um reflexo das pessoas que nela habitam. Essa é uma das razões para que programas de revitalização e urbanização de habitações sociais que tenham a participação de seus próprios moradores, possuam um índice maior de aprovação de sua população, como o programa de urbanização Favela-Bairro (Figura 8), no Rio de Janeiro.

Figura 8 – Praça do conhecimento, revitalizada – Rio de Janeiro–RJ



Fonte: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (2019)

6 FOTOGRAFIA ARQUITETÔNICA EM SÃO LUÍS

De acordo com o Álbum de 1908, sabemos que diversas técnicas de reprodução de imagem foram utilizadas ao longo da história no Maranhão, com indícios de fotógrafos que utilizaram sistemas de gravação de imagens tão antigos quanto os daguerreótipos, por meio da instalação de uma empresa de daguerreotipia em agosto de 1846 (Álbum [...], 1908).

Outras técnicas de fixação de imagem surgiram ao longo do tempo, como a eletrotipia e a cristalografia, acompanhando o desenvolvimento da fotografia como a conhecemos hoje. A partir de 1880, diversos estúdios de fotografia foram estabelecidos na cidade de São Luís, como a *Photografia Imperial*, sob o nome do fotógrafo Henrique Elias Neves em 1878, e a *Photografia União* (Figura 9), criada em 1º de setembro de 1895 por Gaudêncio Cunha (Álbum [...], 1908).

Figura 9 – *Photografia União*, 1908 – São Luís, MA



Fonte: Álbum do Maranhão, 1908

6.1 Gaudêncio Cunha

Gaudêncio Cunha, renomado fotógrafo, documentarista e jornalista paraense, viveu entre 1890 e 1920 no Maranhão. Assim como acontece com muitos fotógrafos de São Luís, existem poucos registros sobre ele. No entanto, podemos encontrar uma das principais referências do arquivo fotográfico maranhense por meio de suas obras, que incluem tanto retratos de pessoas quanto alguns dos primeiros registros fotográficos de paisagens e cenários do estado do Maranhão (Filho, 2018; Álbum [...], 1908).

Sobre a vida de Gaudêncio Cunha, sabe-se que ele tinha uma relação profunda com o seu trabalho, realizado em seu estúdio de fotografia, a *Photografia União*, a qual gerenciava com um amigo próximo (Álbum [...], 1908).

Devido à crescente demanda por seus serviços, Cunha se separou do sócio e passou a comandar o estúdio sozinho, inclusive assumindo a razão social com seu próprio nome, assinando contratos como Gaudêncio R. de Cunha & Cia. (conforme visto no panfleto na Figura 10). Com o avanço tecnológico ao longo dos anos, houve a expansão de sua rede de fotografia, incluindo a produção de imagens coloridas de grupos de pessoas e paisagens. Além disso, Cunha também buscou introduzir em São Luís alguns serviços inovadores para a época, como a fotografia em seda, louça, porcelana, vidro e marfim (Álbum [...], 1908).

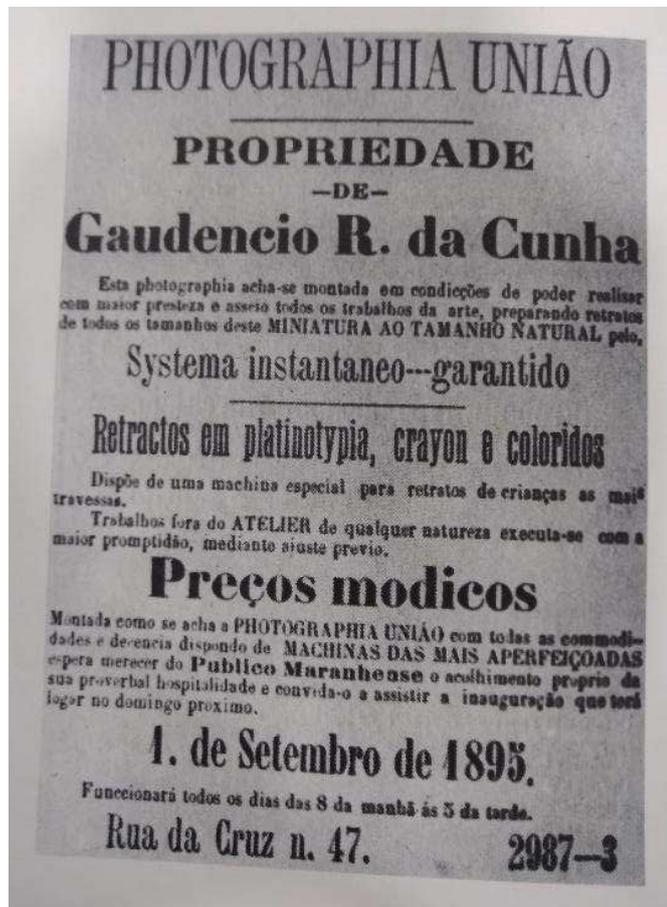
Contudo, tais aspirações nunca se materializaram, pois a abolição da escravidão, em 1888, desencadeou o colapso da economia maranhense, que era sustentada pela mão de obra escrava. Isso provocou uma redução no mercado de serviços, resultando em uma demanda menor por fotografias. Esses problemas levaram Gaudêncio Cunha a fechar sua companhia por alguns meses e a optar pelo aumento dos preços dos seus serviços (Álbum [...], 1908).

O álbum de 1908 é um dos registros mais antigos que possuímos do Maranhão e de sua capital, criado para cumprir uma encomenda oficial visando representar o estado na Exposição Nacional de 1908. Apesar disso, este não foi o primeiro conjunto de fotografias maranhenses compilado, pois há relatos de outro

álbum chamado “*Maranhão Ilustrado*”, organizado por Cunha em 1898, que inclusive foi apresentado na Exposição Mundial de Paris⁷ (Álbum [...], 1908).

O “*Álbum do Maranhão*” (de 1908) é, portanto, uma coletânea de fotografias do estado do Maranhão e da capital, São Luís, permitindo o registro de diversas facetas das cidades maranhenses, bem como das pessoas que nelas viviam naquela época. O livro é dividido em duas categorias: as fotografias de São Luís e as do interior do estado. Devido à ação do tempo, a circulação deste livro cessou, e o documento original está guardado no Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), onde tem sido preservado desde sua fundação em 1973, como um presente da Biblioteca Pública Benedito Leite (Álbum [...], 1908).

Figura 10 – Panfleto comercial da Photographia União



Fonte: Álbum do Maranhão, 1908

⁷ Também conhecida como “*Exposição Universal de 1900*”, foi um evento para comemorar os avanços tecnológicos do século anterior, como a projeção dos filmes dos Irmãos Lumière (Moreira, 2016).

Devido ao seu grande valor histórico, as fotografias deste álbum são utilizadas até hoje como referência no processo de restauração do patrimônio arquitetônico do Maranhão, contribuindo para a preservação dos valores nacionais. O álbum em si possui encadernação em madeira e couro, e o papel conta com pranchas pintadas à mão, nas quais as fotografias estão coladas (Álbum [...], 1908).

6.2 Álbum do Tricentenário de Fundação da Cidade de São Luís

O "*Álbum do Tricentenário de Fundação da Cidade de São Luís*", um compilado de fotografias, foi publicado em 1913 em comemoração ao aniversário da capital. O álbum foi produzido pela Tipográfica Teixeira e conta com fotografias organizadas pela Sociedade Festa Popular do Trabalho, no ano de 1912 (Filho, 2018).

Internamente, o álbum é dividido em cinco partes, incluindo categorias referentes à agricultura e produtos naturais, além das imagens de São Luís. Entre essas fotografias, encontram-se algumas imagens de Gaudêncio Cunha; no entanto, a maioria das imagens, totalizando cinquenta e duas, foi capturada pelo fotógrafo Abdon Coelho (Filho, 2018).

Figura 11 – Capa do álbum de 1913



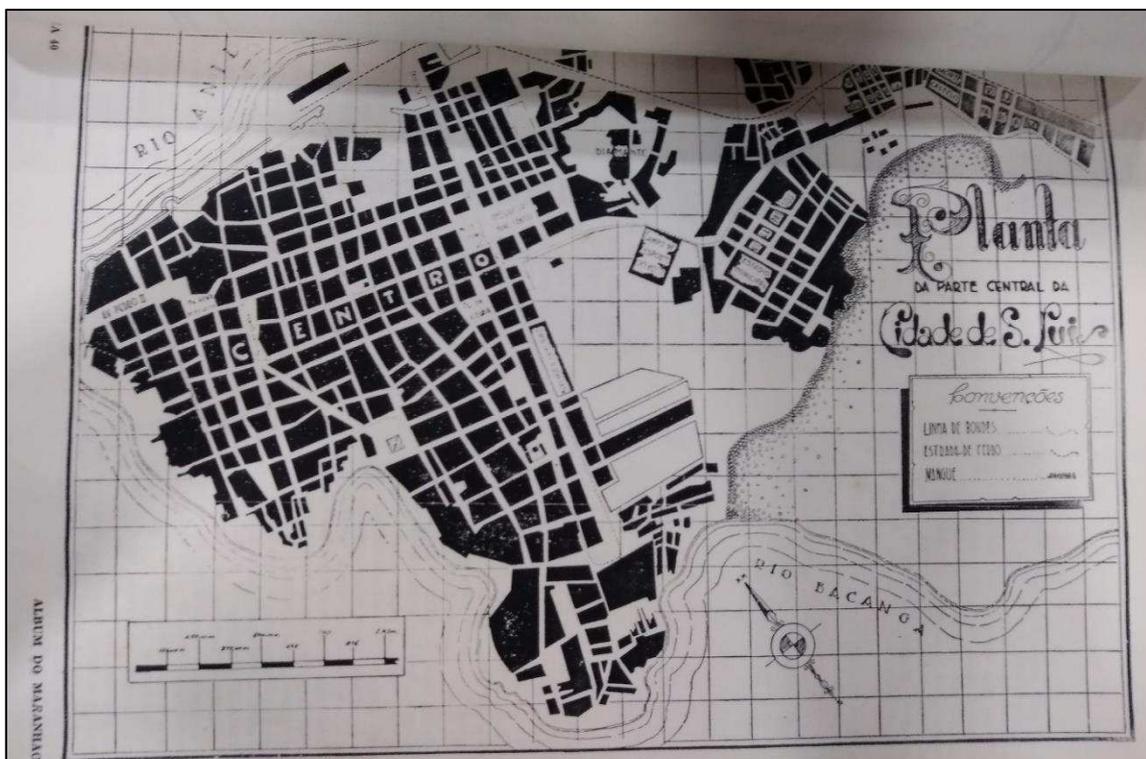
Fonte: Filho (2018)

6.3 Álbum do Maranhão de 1950

O "*Álbum do Maranhão*", publicado em 1950, é um documento composto por diversas fotos do estado do Maranhão, organizadas pelo fotógrafo, jornalista e fundador Miécio de Miranda Jorge. Por meio de uma carta de apresentação no início do álbum, podemos entender melhor as intenções por trás de sua criação. Miécio expressa seu desejo de que este álbum seja uma representação do estado na metade do século XX, visando alcançar um público mais amplo em comparação com o álbum de 1923, organizado por A. Cavalcanti Ramalho (Jorge, 1950).

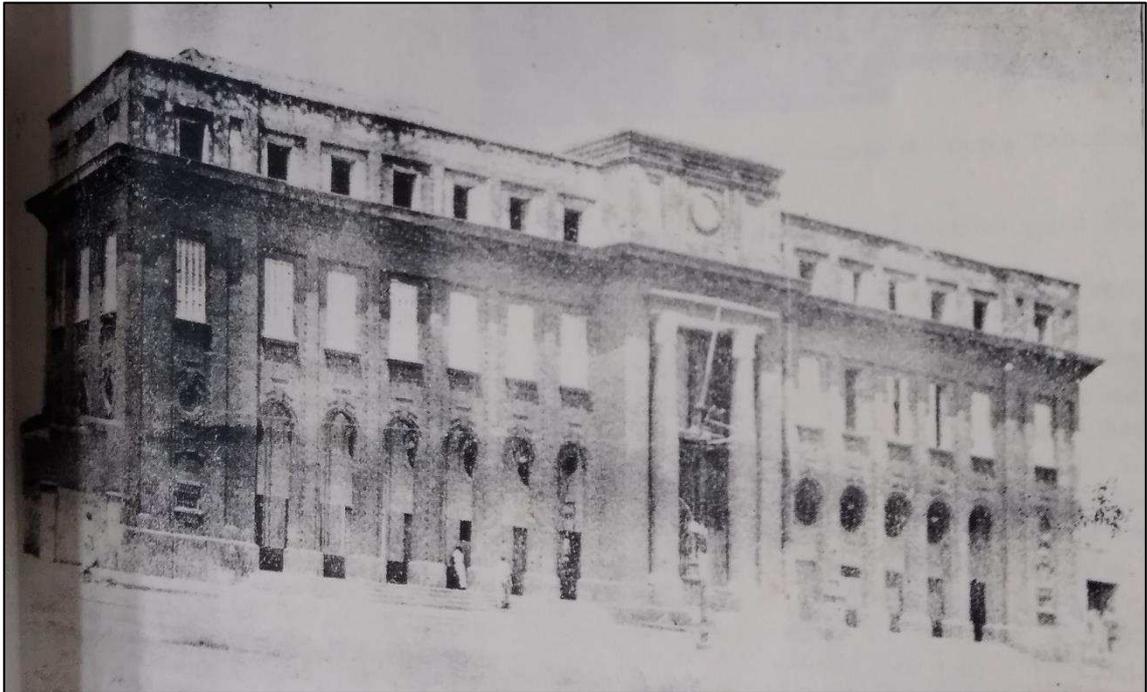
O álbum apresenta, em suas primeiras páginas, um mapa da parte central de São Luís (Figura 12), destacando o traçado original da cidade. Além de conter diversas gravuras do estado do Maranhão de sua época, o álbum documenta também muitos fatos históricos sobre o estado, como, por exemplo, uma descrição do funcionamento da estação ferroviária Maranhão-Piauí, retratando a antiga Estação João Pessoa (Figura 13), em São Luís (Jorge, 1950).

Figura 12 – Mapa de São Luís, Álbum do Maranhão, 1950



Fonte: Jorge (1950)

Figura 13 – Estação Ferroviária João Lisboa

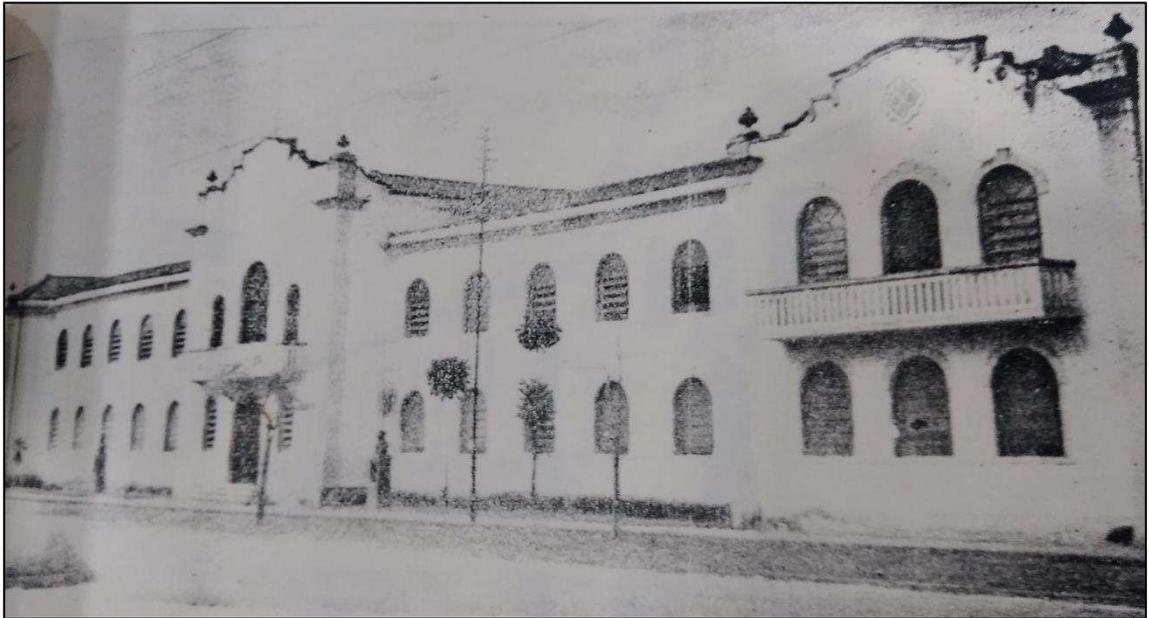


Fonte: Jorge (1950)

Em contrapartida, ao comparar com o álbum do Maranhão de 1908, este álbum apresenta uma variedade muito maior de edifícios significativos para a região, como o Palácio da Educação (Figura 14). Além disso, as fotos também capturam eventos culturais maranhenses, a exemplo do desfile de 7 de setembro da Escola Normal (Figura 15), e monumentos históricos, como a estátua do cantor Timbiras (Jorge, 1950).

Em adição, Miécio Jorge inclui fotografias que retratam cenários e paisagens de São Luís e do interior do estado, semelhante ao que se vê no "*Álbum do Maranhão*" de 1908. É possível encontrar referências a grandes avenidas (como a Avenida Magalhães de Almeida) e às principais praças de São Luís, incluindo imagens da Praça Deodoro e da Praça Gonçalves Dias (Jorge, 1950).

Figura 14 – Palácio da Educação



Fonte: Jorge (1950)

Figura 15 – Desfile da Escola Normal de São Luís

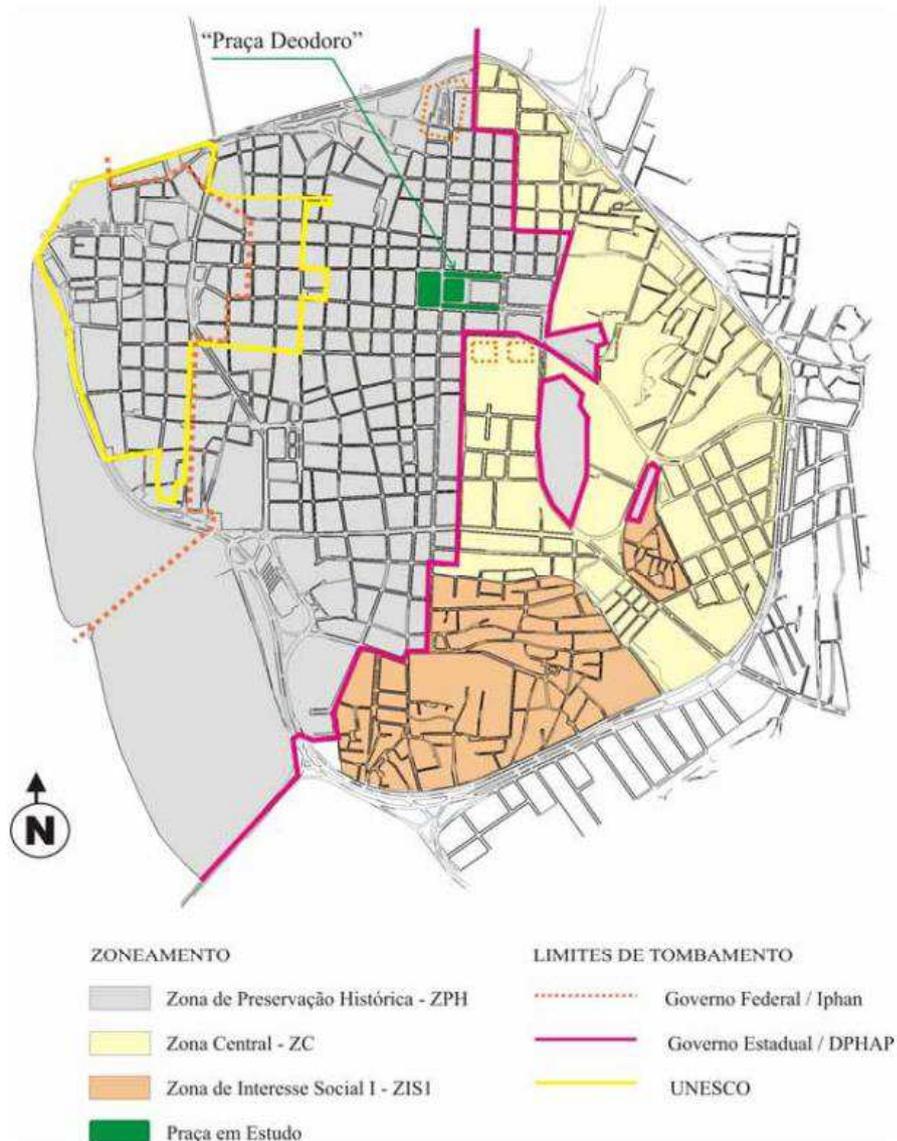


Fonte: Jorge (1950)

7 O COMPLEXO DEODORO

7.1 Localização

Mapa 1 – Áreas de tombamento



Fonte: Borges (2005, p. 46)

Como podemos identificar pelo mapa acima (Mapa 1), o Complexo Deodoro está localizado no Centro Histórico de São Luís, sendo classificado na área de tombamento do governo estadual e gerenciado pelo Departamento de Patrimônio Histórico-Artístico e Paisagístico do Maranhão (DPHAP). Além disso, esta área é

classificada como zona de preservação histórica (ZPH), conforme a lei de zoneamento de São Luís, Lei nº 3.253, de 29 de dezembro de 1992. Sua delimitação ocorre pela Avenida Gomes de Castro, Avenida Silva Maia, Rua de Santaninha e a Rua Urbano Santos.

7.2 História do Complexo Deodoro

O traçado original de São Luís, seguindo o planejamento urbano de 1615 criado por Francisco Frias de Mesquita e conhecido como “Lei das Índias”, promovia diversos espaços vazios que foram, posteriormente, transformados em praças. Naquela época, esses espaços eram chamados de largos, e com o Complexo Deodoro, isso também aconteceu, gerado a partir das linhas ortogonais da Rua do Sol e da Rua da Paz, conforme podemos ver no Mapa 2 (Borges, 2005).

Mapa 2 – Desenvolvimento do traçado de São Luís.



Fonte: IPHAN (2006). Sobreposição do autor.

A data de criação do Complexo Deodoro é incerta; entretanto, sabe-se que o complexo foi criado juntamente com diversas outras praças do centro histórico de São Luís em 1815, como a Praça João Lisboa, que, na época de sua instalação, era conhecida como Largo do Carmo. De forma análoga, o que hoje conhecemos como Complexo Deodoro era conhecido como Largo do Quartel, devido à instalação do 5º Batalhão de Infantaria de São Luís, o primeiro batalhão português do Brasil Colonial (Marques, 1970; Borges, 2005).

Desde então, este local sofreu diversas reformas ao longo do tempo, sendo que uma das primeiras modificações ocorreu em 1862, quando a Companhia das Águas do Anil instalou um chafariz na parte central da praça, com o objetivo de vender água. Essa mudança estrutural no antigo Largo do Quartel foi crucial para a sua transformação em um local voltado para o comércio (Marques, 1970; Borges, 2005).

O local só passou a ser conhecido como Praça Deodoro – hoje, englobando o nome Complexo Deodoro, devido à sua formação de múltiplas praças e alamedas – na última década do século XIX, em homenagem ao presidente Marechal Deodoro da Fonseca. Entretanto, antes disso, a praça também foi conhecida como Praça da Independência, quando teve seu logradouro alterado pela resolução de 1868 da Câmara Municipal (Marques, 1970; Borges, 2005).

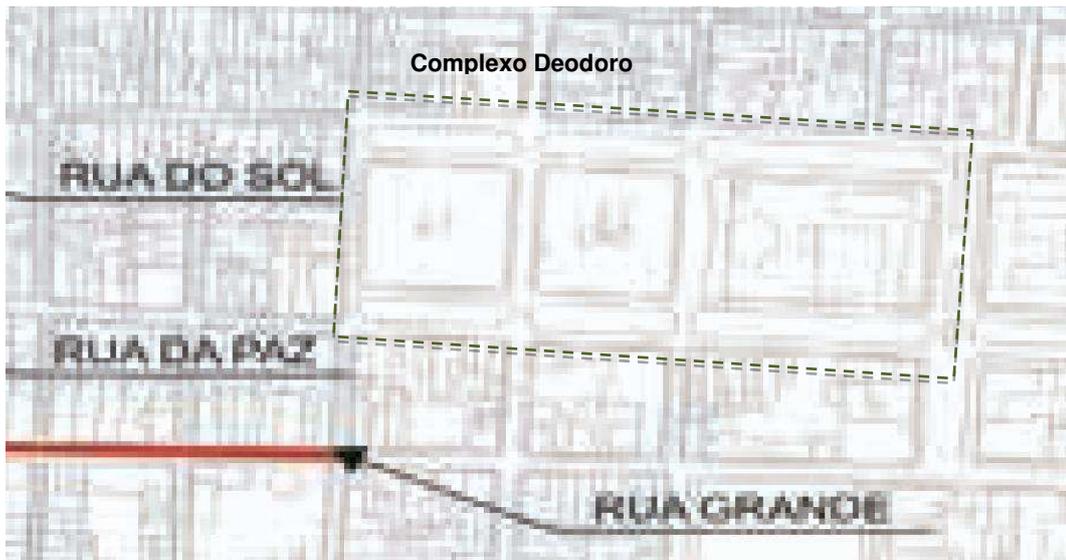
Mapa 3 – Complexo Deodoro em 1912



Fonte: Álbum do Tricentenário. Borges (2005)

Com o passar do tempo, o traçado do Complexo Deodoro sofreu diversas alterações, muitas das quais podem ser observadas por meio de mapas. Um exemplo é o próprio Mapa 2, de 2006, que, ao ser ampliado, revela um antigo traçado (Mapa 4), no qual a Alameda Silva Maia e a Alameda Gomes de Castro se estendiam de um lado a outro do complexo.

Mapa 4 – Traçado do Complexo Deodoro em 2006



Fonte: IPHAN (2006). Sobreposição do autor.

Ao longo dos anos, esse espaço ganhou cada vez mais importância na vida urbana de São Luís, o que levou a diversas reformas. Atualmente, o Complexo Deodoro possui uma configuração que corresponde a um projeto de revitalização, sendo reformado em 2018 como parte do projeto de requalificação urbanística da Praia Grande (IPHAN, 2018).

8 ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

Sendo um polo tão importante da cidade de São Luís, houve diversos registros fotográficos do local, que englobam tanto as alamedas quanto as praças. Podemos ressaltar as fotografias retratadas no “*Álbum do Maranhão*” de 1908, por Gaudêncio Cunha, no “*Álbum do Tricentenário de Fundação da Cidade de São Luís*” de 1913, e no “*Álbum do Maranhão*” de 1950, por Miécio de Miranda Jorge.

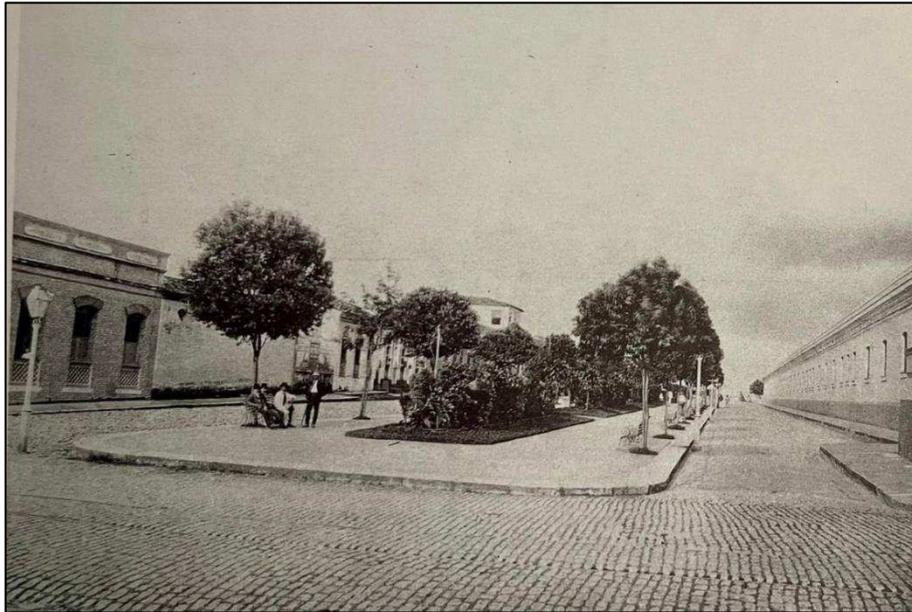
Todavia, muitas imagens do Complexo Deodoro ou não estão disponíveis ao público ou se perderam com o tempo. Em contrapartida, o desenvolvimento da tecnologia permitiu a captura de imagens em 360° de toda a área externa do recorte estudado, com acesso gratuito por meio de seus provedores, como o serviço de pesquisa e mapeamento via satélite *Google Maps*, que permite o acesso a imagens desta região em diversos momentos desde seu desenvolvimento.

8.1 Avenida Silva Maia

Começando pela Alameda Silva Maia, conseguimos encontrar registros fotográficos de como ela era em 1908, através do álbum de Gaudêncio Cunha. Conforme podemos observar na imagem (Figura 16), a Alameda Silva Maia, atualmente (Figura 20), manteve a maior parte do seu traçado original, apresentando uma forma reta com cantos arredondados. Entretanto, notamos algumas mudanças significativas. A primeira delas diz respeito à vegetação, que não apresenta a mesma cobertura encontrada hoje; percebe-se que houve a retirada de parte dos oitis originais, que atualmente foram replantados no local. Também era evidente a presença de um canteiro central nesta parte da alameda, mas não há registros sobre a sua extensão. Na configuração atual do Complexo Deodoro, essa estrutura não existe mais.

Outra grande mudança observada é na própria Avenida Silva Maia, que atualmente possui pavimentação asfáltica nas vias norte e leste. Além disso, a pavimentação em paralelepípedos intercalados que existia em sua via sul não é a mesma de hoje, sendo substituída por uma pavimentação em blocos de concreto dispostos em padrão espinha de peixe.

Figura 16 – Avenida Silva Maia, 1908



Fonte: Álbum do Maranhão, 1908

Nos arredores da Alameda, também notamos uma diferença nos prédios do entorno, que deixaram de ser pequenas habitações privadas, como casas, para dar espaço a edifícios maiores e de caráter institucional. Essa mudança impacta significativamente na paisagem do Complexo Deodoro, substituindo a estética colonial portuguesa por uma arquitetura contemporânea.

Figura 17 – Alameda Silva Maia, 1913



Fonte: Álbum do Tricentenário. Borges (2005)

A Alameda Silva Maria de 1913 não apresentou mudanças significativas em seu traçado ou pavimentação. Entretanto, o passar do tempo foi suficiente para um grande desenvolvimento da vegetação local que, na época, começou a cobrir quase toda a alameda, como podemos ver na Figura 17.

Outra modificação que a região sofreu nesse período foi a instalação de postes com fiação aérea. Essa característica marca o início do processo de avanço da infraestrutura e da tecnologia em São Luís. Porém, a quantidade de fios só aumentou desde então, fazendo com que esses postes — que antes poderiam passar despercebidos — ganhassem mais destaque, conforme podemos perceber em imagens mais recentes.

Avançando algumas décadas, a próxima imagem a ser analisada data de 2011 (Figura 18). Nela, podemos observar algumas características que se mantiveram ao longo dos anos, sendo a principal delas a presença da vegetação, na qual notamos o seu crescimento. Apesar disso, também se nota uma pequena redução na sua quantidade total, principalmente na extremidade da alameda. Outra diferença em relação às imagens anteriores é a substituição dos paralelepípedos por asfalto na Avenida Silva Maia.

Figura 18 – Alameda Silva Maia, 2011



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 19 – Alameda Silva Maia, 2017



Fonte: Google Maps, 2024.

Antes da última reforma do Complexo Deodoro, era comum a presença de diversas bancas e camelôs em vários pontos da região. Atualmente, porém, não se encontram mais bancas nesse passeio público, sendo possível avistar apenas alguns vendedores ambulantes.

Figura 20 – Avenida Silva Maia, 2024



Fonte: Elaboração Própria.

A Alameda Silva Maia passou por significativas modificações em 2018, assim como o restante do complexo. A revitalização introduziu novos bancos no local,

balizadores esféricos de concreto e o plantio de novas árvores. Contudo, o problema da fiação aérea se agravou, estendendo-se por toda a avenida.

8.2 Avenida Gomes de Castro

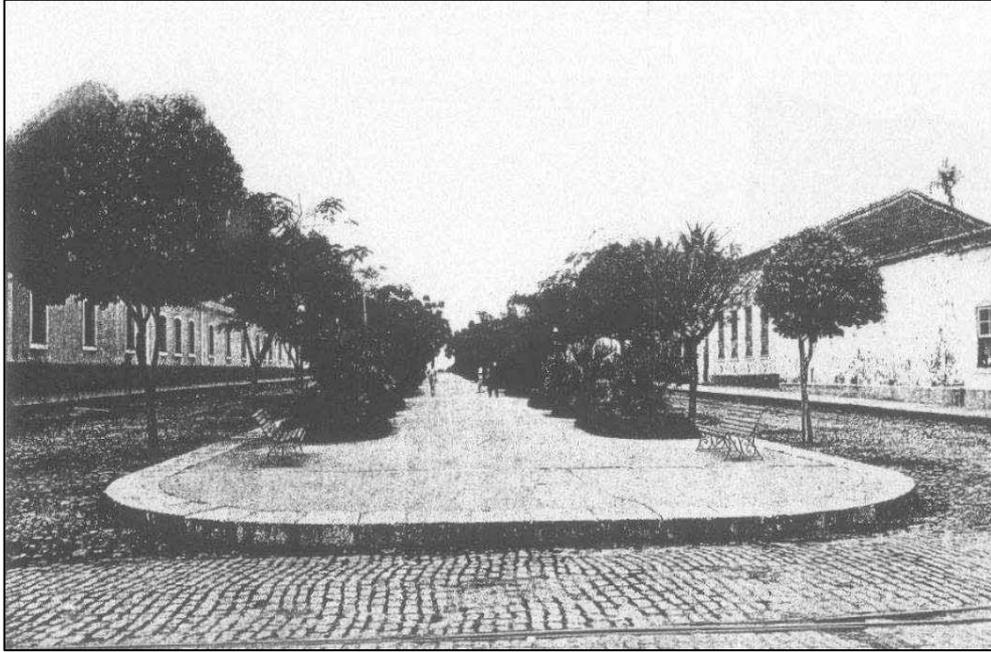
Do outro lado do Complexo, encontramos o registro da Alameda Gomes de Castro (Figura 21), que apresentava um traçado muito similar ao da Alameda Silva Maia. No entanto, podemos destacar a ausência de um canteiro central, contando apenas com a presença de oitis em suas laterais. Outra diferença é a localização das árvores, situadas fora dos limites da alameda.

Nessa perspectiva (Figura 21), notamos a diferença na altura dos edifícios que, atualmente (Figura 24), possuem no mínimo dois níveis. Assim como na Av. Silva Maia, a Av. Gomes de Castro também passou pelo mesmo processo de repavimentação, incluindo a substituição por asfalto e bloquetes de concreto dispostos em padrão espinha de peixe.

De modo semelhante à Alameda Silva Maia, as árvores plantadas acompanharam o mesmo nível de desenvolvimento, apesar de não oferecerem o mesmo volume de cobertura foliar, devido à maior largura da alameda.

Nas fotografias de 1913 das alamedas, podemos observar o registro de pessoas utilizando este espaço público. Apesar de ser um detalhe, essa captura indica uma melhoria técnica no equipamento utilizado pelos fotógrafos da época, que deixaram de usar os antigos daguerreótipos — como fez Gaudêncio Cunha em 1908 —, os quais raramente capturavam pessoas devido ao seu lento processo de gravação de imagem. Outros fatores também podem ter influenciado, como a maior probabilidade de encontrar pessoas utilizando a praça não apenas como um lugar de passagem, mas como um espaço de permanência. Tal mudança pode ter sido provocada pelas transformações estruturais que o Complexo Deodoro sofreu entre esses dois registros, bem como pelo desenvolvimento da vegetação, que passou a fornecer maior cobertura contra a incidência solar, promovendo seu uso por mais tempo.

Figura 21 – Avenida Gomes de Castro, 1908.



Fonte: Álbum do Maranhão, 1908.

Figura 22 – Avenida Gomes de Castro, 1913.



Fonte: Álbum do Tricentenário. Borges (2005).

Figura 23 – Avenida Gomes de Castro, 2011



Fonte: Google Maps, 2024.

Conforme as imagens de 2011 (Figura 23), observamos uma mudança na vegetação da alameda, que passou a contar com novas árvores em canteiros retangulares, delimitados por pequenos blocos de concreto com pintura branca. Também é possível notar uma grade metálica.

Assim como a Avenida Silva Maia, a Avenida Gomes de Castro também perdeu sua pavimentação original, substituída por asfalto. No entanto, nesta imagem, é possível ver a presença de uma faixa de pedestres, facilitando a mobilidade urbana. O mesmo problema de fiação exposta encontrado na outra alameda se reflete nesta parte do passeio público, uma característica quase imperceptível na última foto (Figura 22).

Atualmente, a Alameda Gomes de Castro reflete as mesmas mudanças enfrentadas pela Alameda Silva Maia, compartilhando tanto os aspectos positivos quanto os negativos de forma proporcional, como a introdução de novas árvores e o aumento da fiação exposta.

Figura 24 – Avenida Gomes de Castro, 2024



Fonte: Elaboração Própria.

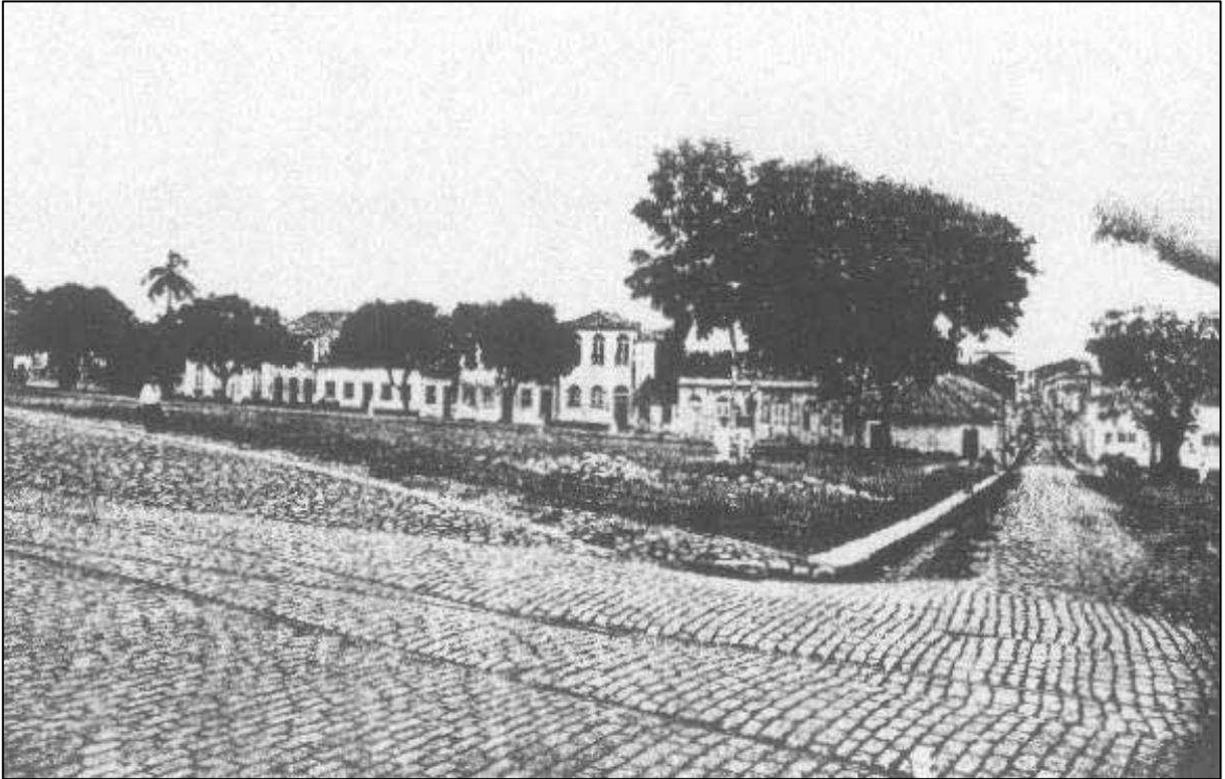
8.3 Praça Deodoro

A Praça Deodoro possui a parte mais irregular do terreno, e a pavimentação e construção da praça em 1908 (Figura 25) refletem essa característica topográfica. Assim, devido à época em que a foto foi tirada, a Praça Deodoro compartilha diversas características com as alamedas e a Praça do Pantheon, tais como as vias pavimentadas com paralelepípedos, a presença de oitis e o traçado mais retilíneo.

Apesar dos registros limitados do Complexo Deodoro no Álbum de 1950, Miécio Jorge capturou uma perspectiva mais ampla (Figura 26). No entanto, devido à qualidade da foto, os detalhes começam a se tornar difíceis de identificar.

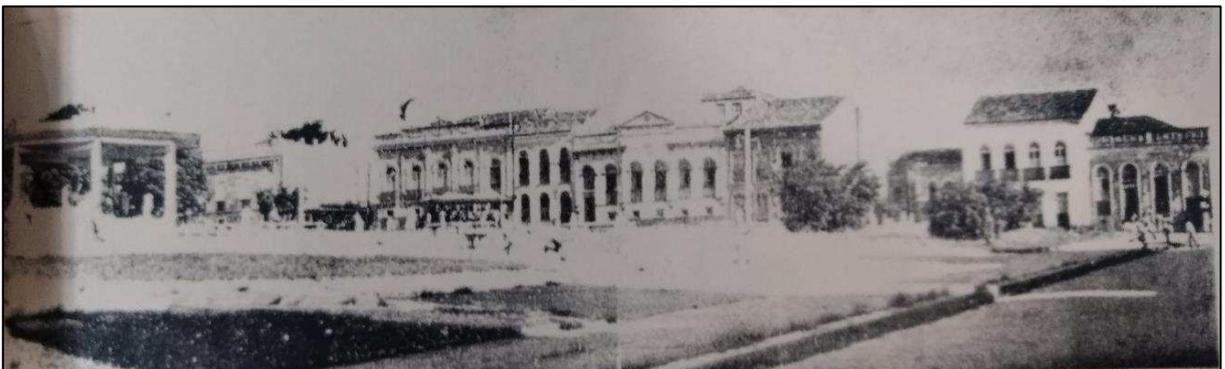
No entanto, algumas estruturas ainda são reconhecíveis, como o antigo coreto (Figura 27), que atualmente não se encontra no local. Contudo, é possível encontrar estruturas semelhantes a ele em alguns pontos da cidade, como na Praça Benedito Leite.

Figura 25 – Praça Deodoro, 1908.



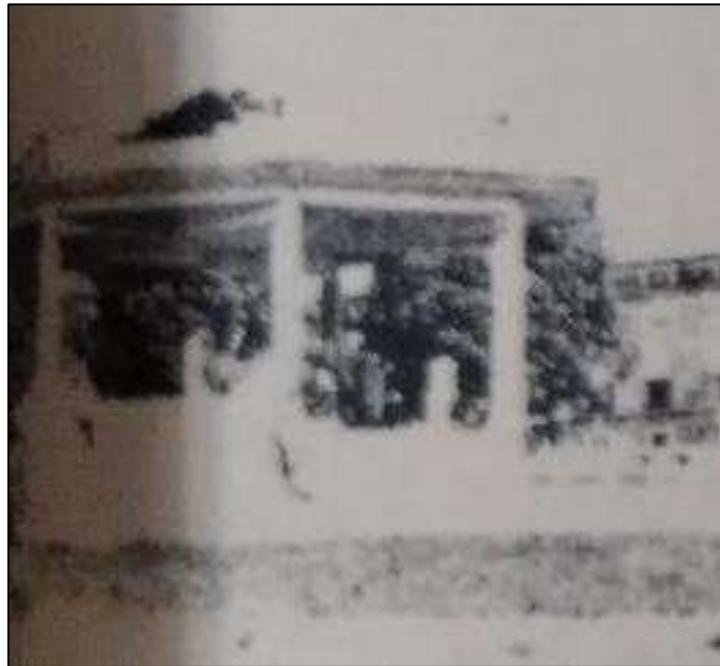
Fonte: Álbum do Maranhão, 1908.

Figura 26 – Praça Deodoro, 1950



Fonte: Jorge (1950)

Figura 27 – Detalhe do coreto, 1950



Fonte: Álbum do Maranhão, 1950

Avançando para 2011 (Figura 28), a Praça Deodoro demonstra um significativo desenvolvimento da vegetação, apresentando um aumento na quantidade de árvores em comparação com datas anteriores. Nesta imagem, podemos observar a substituição da pavimentação por asfalto na Avenida Silva Maia e na Rua da Santaninha. Outra característica relevante é a quantidade de veículos individuais estacionados na faixa oeste da praça, além do recorrente problema com a fiação exposta.

Podemos também notar uma modificação no coreto (Figura 29), que foi adaptado para servir como um posto de informações, o que exigiu alterações em sua estrutura original (Borges, 2005). Além disso, o traçado da região sofreu alterações, porém manteve sua linearidade, sendo enriquecido apenas por novos canteiros que formaram caminhos retos, embora não cartesianos.

Figura 28 – Praça Deodoro, 2011



Fonte: Google Maps, 2024

Figura 29 – Coreto da Praça Deodoro, 2011



Fonte: Google Maps, 2024

Atualmente, a Praça Deodoro possui um platô central principal, situado abaixo dos outros componentes do complexo. Ela apresenta elevações graduais em sua própria topografia em todos os lados, com exceção da lateral leste, onde se encontram instalados os banheiros públicos e uma escadaria, a qual não dispõe de rampas de acesso.

Figura 30 – Praça Deodoro, 2024



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 31 – Praça Deodoro, vista norte



Fonte: Elaboração Própria.

Além disso, as laterais desta praça possuem grandes passeios públicos, separados tanto por canteiros (em relação à praça) quanto pelos balizadores esféricos (em relação às ruas e avenidas), distribuídos ao redor de todo o Complexo Deodoro. Em especial, a faixa oeste da Praça Deodoro (Figura 32) possui passagens diretas em direção à Rua de Santaninha, gerando assim diversos pequenos canteiros.

Figura 32 – Praça Deodoro, faixa oeste



Fonte: Elaboração Própria.

8.4 Praça do Pantheon

Figura 33 – Praça do Pantheon, 1908



Fonte: Álbum do Maranhão, 1908

A imagem acima (Figura 33) retrata um dos poucos registros do antigo batalhão de infantaria. O local que outrora abrigava o quartel, e que deu nome ao lugar, hoje é ocupado pela Biblioteca Pública Benedito Leite. Ao fundo, também é possível observar a antiga Igreja de Santaninha, um edifício que foi demolido. Uma das características do antigo Largo do Quartel era uma via transversal em frente ao batalhão; no entanto, hoje não restam vestígios dessa estrutura. Observa-se ainda o traçado original da praça, notando-se sua retidão, além da presença de oitis em frente ao local do quartel.

Em 1913 (Figura 34), a primeira grande reforma do antigo Largo do Quartel, então renomeado Praça da Independência, alterou significativamente o desenho da área, que passou de formas mais retas e cartesianas para adotar contornos mais orgânicos, com amplo espaço para vegetação rasteira.

Percebe-se a ausência de árvores nessa parte da praça, restando apenas alguns oitis em frente ao antigo quartel, representando uma grande transformação na paisagem em comparação ao que se observava em 1908, conforme visto nas imagens anteriores.

Figura 34 – Praça do Pantheon, 1913



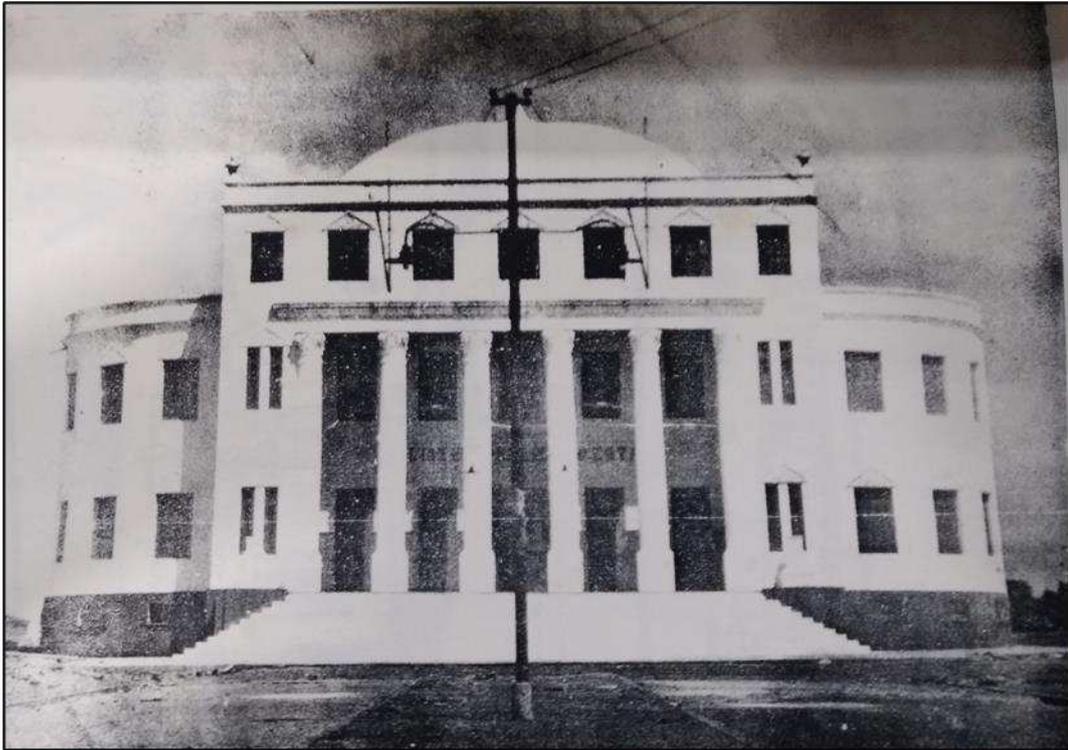
Fonte: Álbum do Tricentenário. Borges (2005)

Também é possível destacar o registro do antigo sistema de iluminação, com postes de iluminação a gás, os antigos lampiões, característicos da época. Ao fundo, encontramos a captura do antigo batalhão, ainda ativo.

No "*Álbum do Maranhão*" de 1950, já encontramos a Biblioteca Benedito Leite (Figura 35), que havia sido recém-construída na época da criação do álbum (Jorge, 1950). É notável a preservação da estrutura original da biblioteca, sem mudanças significativas na estrutura do prédio em si, exceto pela adição de um muro externo. Uma característica marcante nessa foto é a presença de um poste centralizado.

Em reformas recentes, que ocorreram não apenas no Complexo Deodoro, mas também em diversas localidades do Centro Histórico de São Luís, como parte do projeto Reviver, houve a substituição do sistema elétrico, que abandonou a fiação aérea em favor de uma fiação subterrânea. Esse tipo de fornecimento de energia permite que a praça recupere sua paisagem mais próxima do original, sem a poluição visual causada por diversos fios. Apesar disso, observamos que, em 2017, o sistema de iluminação já não possuía mais fios expostos (Figura 36), indicando uma priorização na infraestrutura do Complexo Deodoro.

Figura 35 – Biblioteca Benedito Leite, 1950



Fonte: Jorge (1950)

Figura 36 – Praça do Pantheon, 2017



Fonte: Google Maps, 2024

Em 2017, a Praça do Pantheon já havia passado por algumas mudanças, sendo a mais notável a alteração de seu traçado. Na Figura 36, observamos uma configuração linear formada pelos canteiros elevados, em contraste com o traçado

mais orgânico de 1913. Diferentemente de 1950, a fachada frontal da Biblioteca Benedito Leite agora se encontra rodeada por árvores.

Em contraste com a área externa do Complexo Deodoro, não observamos nenhuma fiação aérea proveniente dos postes, os quais foram convertidos de abastecimento a gás para receber energia por meio de fiação subterrânea. Embora a Praça Deodoro possua o terreno mais irregular da região, a Praça do Pantheon também apresenta suas irregularidades. Nas imagens de 2017, percebe-se uma diferença de níveis em sua extremidade, que apresentava um terreno mais elevado próximo às avenidas Silva Maia e Gomes de Castro, enquanto o centro da praça era mais rebaixado.

Atualmente, o traçado da Praça do Pantheon foi novamente modificado, eliminando os seus canteiros elevados e alterando sua topografia. Na Figura 37, vemos as modificações realizadas pela reforma de 2018, começando pela planificação do terreno, que agora está alinhado com as avenidas Gomes de Castro e Silva Maia.

Figura 37 – Praça do Pantheon, 2023



Fonte: Elaboração Própria.

Ademais, observa-se uma mudança na tipologia dos postes, que passaram a ser mais altos. A vegetação também sofreu modificações; próximo à biblioteca, as árvores foram substituídas por uma sequência de palmeiras, dispostas simetricamente em relação a esse edifício público. Além disso, destaca-se o uso de balizadores esféricos, que circundam a Praça do Pantheon.

Por fim, é possível perceber, por meio dessas imagens, que as modificações ocorridas em todo o Complexo Deodoro seguem um padrão nas alterações, especialmente nas alamedas, que agem de forma espelhada uma em relação à outra. Utilizando as imagens de 1908 como ponto de partida, nota-se que, em 1913, o principal foco da reforma foi a praça do Pantheon, que continuou sendo modificada em 1950, além de outras reformas até alcançar o estado observado em 2011, para então ser alterada novamente na reforma de 2018. Assim, podemos inferir que esta praça atua como o núcleo central do complexo, embora outras partes, como a Praça Deodoro, também tenham grande relevância, sendo amplamente utilizadas como áreas de convivência e permanência.

9 O COMPLEXO ATUALMENTE

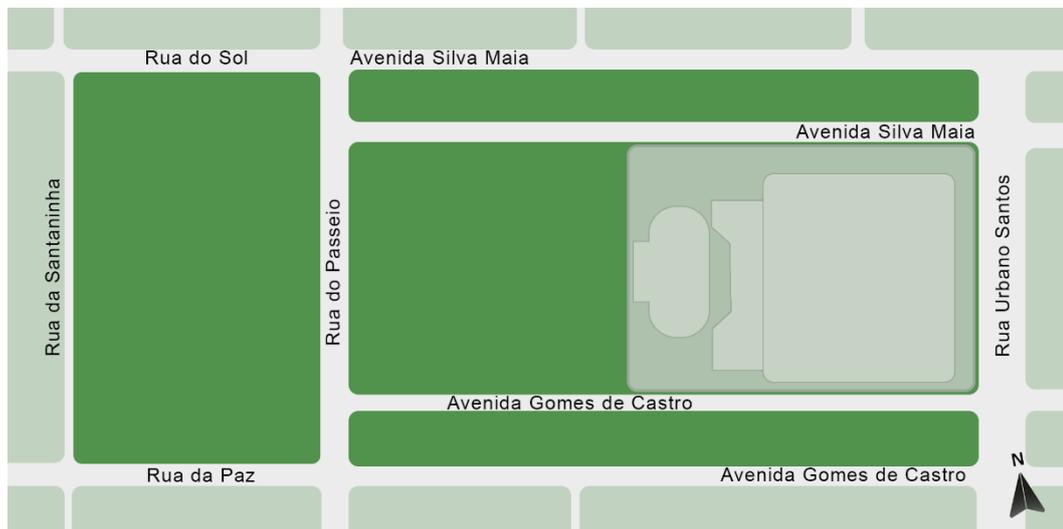
9.1 Traçado

Mapa 5 – Complexo Deodoro, imagem por satélite.



Fonte: Google Maps, 2024.

Mapa 6 – Complexo Deodoro e seu entorno.



Fonte: Elaboração Própria.

Resultante de um planejamento urbano cartesiano, o Complexo Deodoro é delimitado pela Avenida Gomes de Castro, Avenida Silva Maia, Rua de Santaninha e pela Rua Urbano Santos. Além disso, é dividido internamente pela Rua do Passeio, fazendo com que seja separado em duas praças e duas alamedas: a Praça Deodoro

(a oeste), a Praça do Pantheon (a leste), a Alameda Gomes de Castro (ao sul) e a Alameda Silva Maia (ao norte), conforme ilustrado pelo Mapa 6.

Devido à sua extensa área, abrangendo quatro espaços públicos distintos, o Complexo Deodoro ocupa um total de cerca de 20 mil m², sendo 8,5 mil m² referentes à Praça Deodoro, seguida pela Praça do Pantheon, com aproximadamente 5,9 mil m² (descontando o espaço ocupado pelos edifícios da região). A Alameda Silva Maia tem cerca de 2,2 mil m², e a Alameda Gomes de Castro, aproximadamente 3,13 mil m².

Uma característica notável da região é sua topografia, que apresenta um grande desnível na área correspondente à Praça Deodoro (Figura 38). Essa depressão no terreno é compensada por uma escadaria (Figura 39) na parte central-leste da mesma praça. No entanto, ainda é possível acessar a praça pelo restante de seu perímetro, embora seja necessário enfrentar a inclinação do terreno, que não oferece acessibilidade a todos, especialmente nas partes norte e sul da praça, onde o relevo é mais acentuado.

Figura 38 – Praça Deodoro e seus dois níveis.



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 39 – Escadaria da Praça Deodoro



Fonte: Elaboração Própria.

9.2 Pavimentação

Ao longo de toda a extensão do Complexo Deodoro, encontramos a presença de grandes blocos de concreto utilizados na pavimentação. Entre as praças e alamedas, nas áreas da Avenida Gomes de Castro, Avenida Silva Maia e Rua do Passeio, identificamos pequenos blocos de concreto intertravados, similares à antiga paginação do local. Após a última reforma, foram distribuídos diversos balizadores esféricos de concreto ao longo dos limites das alamedas e praças.

Adicionalmente, ao longo desses limites mencionados, foram instalados pisos táteis (Figura 40) para garantir a acessibilidade a pessoas com deficiência visual. Além disso, devido ao relevo irregular do terreno, algumas rampas foram construídas no local.

Figura 40 – Pisos táteis na Alameda Silva Maia.



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 41 – Vista superior da pavimentação na Praça do Pantheon



Fonte: Google Maps, 2024.

Há registros também da pavimentação de todo o Complexo Deodoro, composta por pedra de cantaria e pedra portuguesa. Esses materiais ainda podem ser encontrados em locais próximos ao Complexo, principalmente em seu calçamento (Marques, 1970).

9.3 Vegetação

Assim como a maioria das praças de São Luís, o Complexo Deodoro possui ao menos um tipo de vegetação, que, neste caso, é constituída principalmente por árvores. No entanto, a densidade de área verde se concentra principalmente na Alameda Silva Maia e Gomes de Castro, conforme evidenciado por imagens de satélite (Mapa 5) e pelo mapa abaixo (Mapa 7).

Mapa 7 – Áreas Verdes.



Legenda:



Fonte: Elaboração Própria.

O Complexo Deodoro tem uma característica especial em sua vegetação: a presença do oiti, uma espécie tombada pelo Decreto Estadual n.º 11.593, de 12 de outubro de 1990, e registrada no Livro Tombo, Inscrição n.º 52, folha n.º 11, em 30

de novembro de 1990. Essa planta é considerada uma amendoeira, portanto, produz frutos comestíveis ricos em óleo e com baixo teor de gordura. A principal distribuição geográfica dessa planta ocorre em diversos estados do Nordeste, com destaque para Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí, além de ter também a Mata Atlântica como domínio fitogeográfico⁸. Os oitis que se encontravam na Praça Deodoro estavam com sua população reduzida, como observado nas fotos de 1950, onde a quantidade de vegetação já havia diminuído em comparação com as plantas vistas no álbum de 1908. Agora, os oitis estão sendo replantados no local, onde podemos ver tanto plantas adultas quanto novas mudas (SPPHAP, 2021).

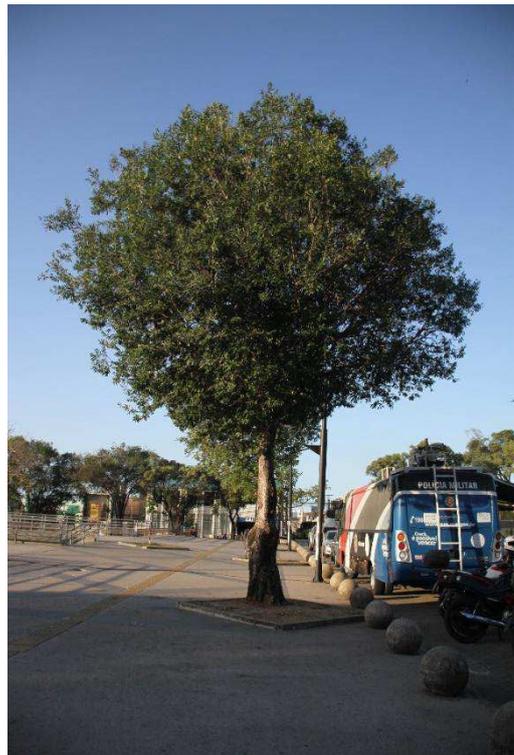
Além disso, outros tipos de vegetação arbórea foram plantados no Complexo Deodoro, desde pequenas mudas até árvores adultas, distribuídas principalmente na Praça Deodoro, conforme mostrado na Figura 43.

Figura 42 – Alameda Silva Maia e seus oitis



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 43 – Novas árvores plantadas na Praça Deodoro



Fonte: Elaboração Própria.

⁸ Os domínios morfoclimáticos e fitogeográficos são um agrupamento de características morfológicas e climáticas similares de uma região. Seguindo a divisão do geógrafo Aziz Ab' Saber, o Brasil é dividido em 6 principais regiões, sendo elas: Amazônico, Cerrados, Mares de Morros, Caatingas, Araucárias e Pradarias (Nowatzki, 2011).

Figura 44 – Novas mudas encontradas na Praça Deodoro



Fonte: Elaboração Própria.

A Praça do Pantheon também possui algumas plantas ornamentais localizadas em pontos específicos. Uma das principais espécies é a *Bougainvillea*, conhecida como Primavera (Figura 45), utilizada como cobertura para o pergolado na parte central da Praça do Pantheon. Essa árvore, uma angiosperma, possui uma copa espalhada, coberta de folhas verdes e flores amareladas. Sua característica mais chamativa são as brácteas⁹ de tom róseo-violeta (Figura 46), que tornam essa espécie popular para decoração (UNIPAMPA, 2011).

Além disso, a maioria das plantas do local é colocada em canteiros retangulares, sem a presença de gradis, exceto por alguns canteiros da Alameda Gomes de Castro, que são cercados por gradis metálicos (Figura 50).

⁹ Brácteas são folhas modificadas, que se assemelham a flores, a fim de atrair polinizadores.

Na Praça do Pantheon, podemos encontrar também palmeiras próximas à Biblioteca Pública Benedito Leite. Assim como os oitis, as palmeiras são elementos muito antigos na praça, com algumas delas apresentando copas danificadas (Figura 48). Por isso, está em curso o processo de replantação dessa vegetação.

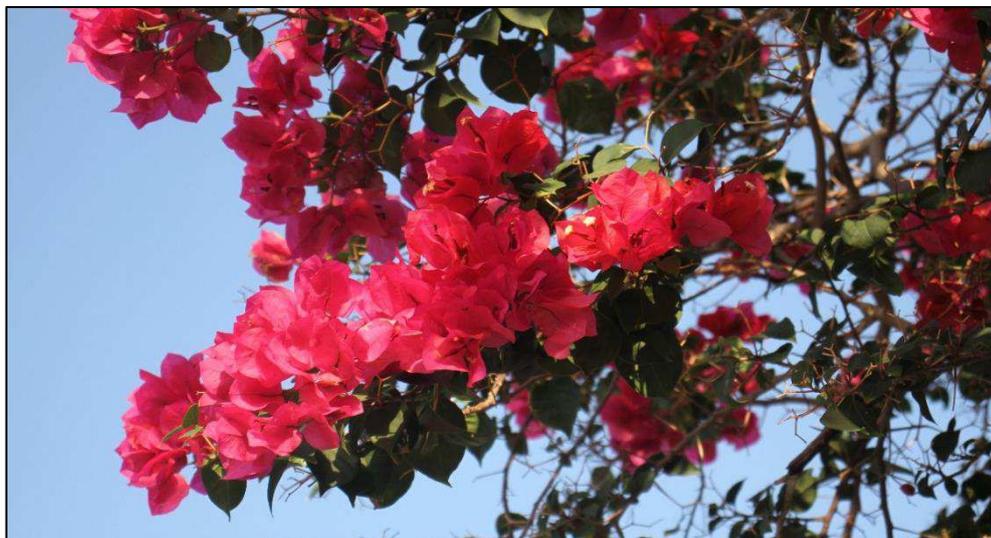
Ainda na Praça do Pantheon, podemos encontrar também arbustos próximos às estátuas de figuras importantes do Maranhão. Esses arbustos são compostos principalmente por plantas ornamentais conhecidas como ixoras (*Ixora coccínea*), com flores avermelhadas e folhagem verde (MUSEU NACIONAL-UFRJ, 2019).

Figura 45 – Pergolado com primaveras.



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 46 – Folhagem da primavera encontrada na Praça do Pantheon



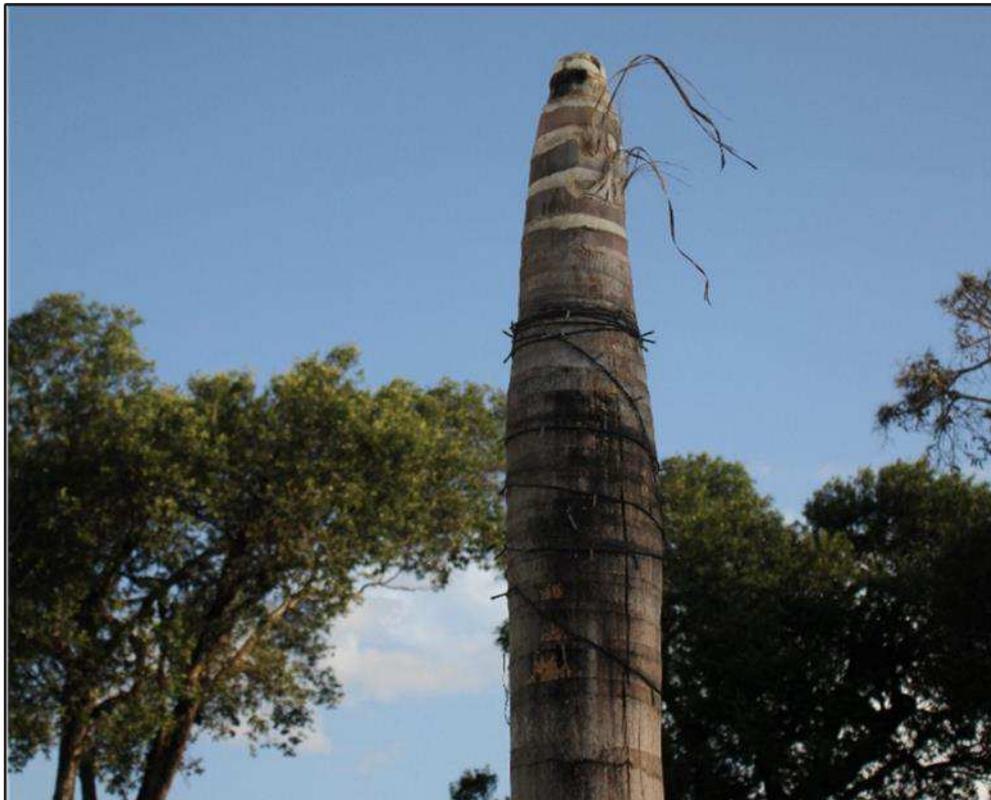
Fonte: Elaboração Própria.

Figura 47 – Palmeiras em frente a Biblioteca Benedito Leite



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 48 – Palmeira sem copa na Praça do Pantheon



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 49 – Novas palmeiras na Praça do Pantheon



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 50 – Gradis nos canteiros, Alameda Gomes de Castro



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 51 – Ixoras na Praça do Pantheon



Fonte: Elaboração Própria.

9.4 Equipamentos Urbanos e infraestrutura

Em todo o Complexo Deodoro, podemos encontrar diversos bancos, principalmente nas Alamedas Gomes de Castro e Silva Maia, onde há instalação de bancos de pedra (Figura 52), distribuídos de forma similar à vegetação das alamedas.

Junto aos bancos, ou próximo às árvores do local, há também lixeiras fixas de metal, cujo compartimento de lixo possui formato cilíndrico.

Figura 52 – Bancos da Alameda Gomes de Castro



Fonte: Elaboração Própria.

Apesar da presença de diversas lixeiras distribuídas pelas alamedas, a quantidade disponibilizada nas praças não é equivalente, mostrando uma clara redução. Além disso, nota-se um acúmulo excessivo de lixo na Rua do Passeio, próximo à Praça Deodoro.

Figura 53 – Lixo acumulado na Rua do Passeio



Fonte: Elaboração Própria.

Na parte central da Praça do Pantheon, podemos encontrar um pergolado de madeira, com bancos de madeira e encosto com suportes metálicos. Devido à

recente instalação desses equipamentos, a grande maioria se encontra em bom estado de conservação. No entanto, já é possível observar algumas marcas de mau uso da estrutura, como pequenos cortes e pichações.

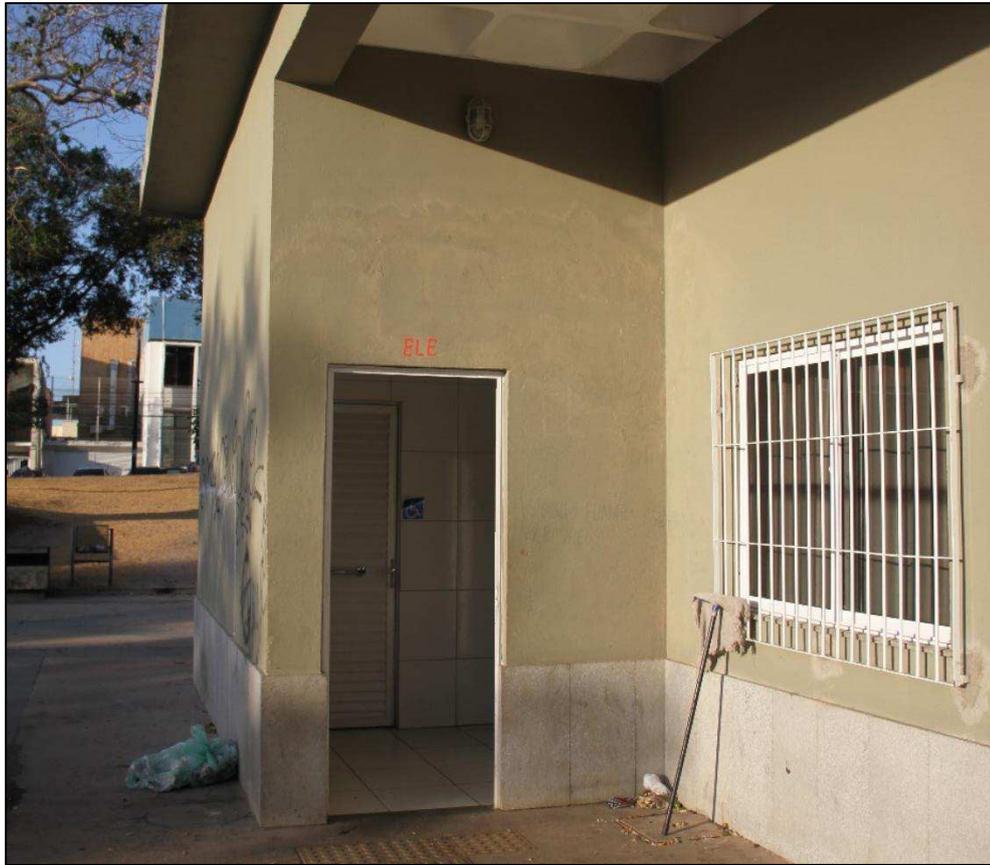
Figura 54 – Pichações em banco na Alameda Silva Maia



Fonte: Elaboração Própria.

O Complexo Deodoro dispõe de banheiros públicos, um masculino (Figura 55) e um feminino, situados na parte leste da Praça Deodoro. Embora não tenham placas de identificação de gênero, ambos apresentam inscrições — nas portas e acima delas —, em tinta vermelha, “ele” e “ela”, para indicar, respectivamente, o banheiro masculino e feminino. Os espaços são revestidos com piso porcelanato, e, durante as visitas realizadas ao local, observou-se a ausência de água corrente nas torneiras. Além disso, foi constatado acúmulo de lixo nas proximidades do banheiro masculino.

Figura 55 – Entrada do banheiro masculino



Fonte: Elaboração Própria.

9.5 Monumentos

Após a última reforma no Complexo Deodoro, bustos de diversas figuras importantes da história do Maranhão, como poetas e governadores maranhenses das últimas décadas, foram instalados na Praça do Pantheon. Os bustos estão distribuídos de forma linear e direcionados ao centro da praça, em simetria, totalizando duas fileiras de estátuas, com um total de 25 exemplares. Desses 25 monumentos, 18 são bustos históricos, homenageando Arnaldo de Jesus Ferreira, Arthur Azevedo, Bandeira Tribuzi, Clodoaldo Cardoso, Coelho Neto, Dunshee de Abranches, Gomes de Castro, Gomes de Sousa, Henriques Leal, Josué Montello, Maria Firmina, Nascimento de Moraes, Raimundo Corrêa, Raimundo Corrêa de Araújo, Raimundo Teixeira, Ribamar Bogêa, Silva Maia e Urbano Santos, todos restaurados em 2021 (FUMPH, 2022).

Além desses homenageados, há sete novos bustos, criados pelo escultor maranhense Eduardo Sereno: Aluísio Azevedo, Celso Magalhães, Ferreira Gullar,

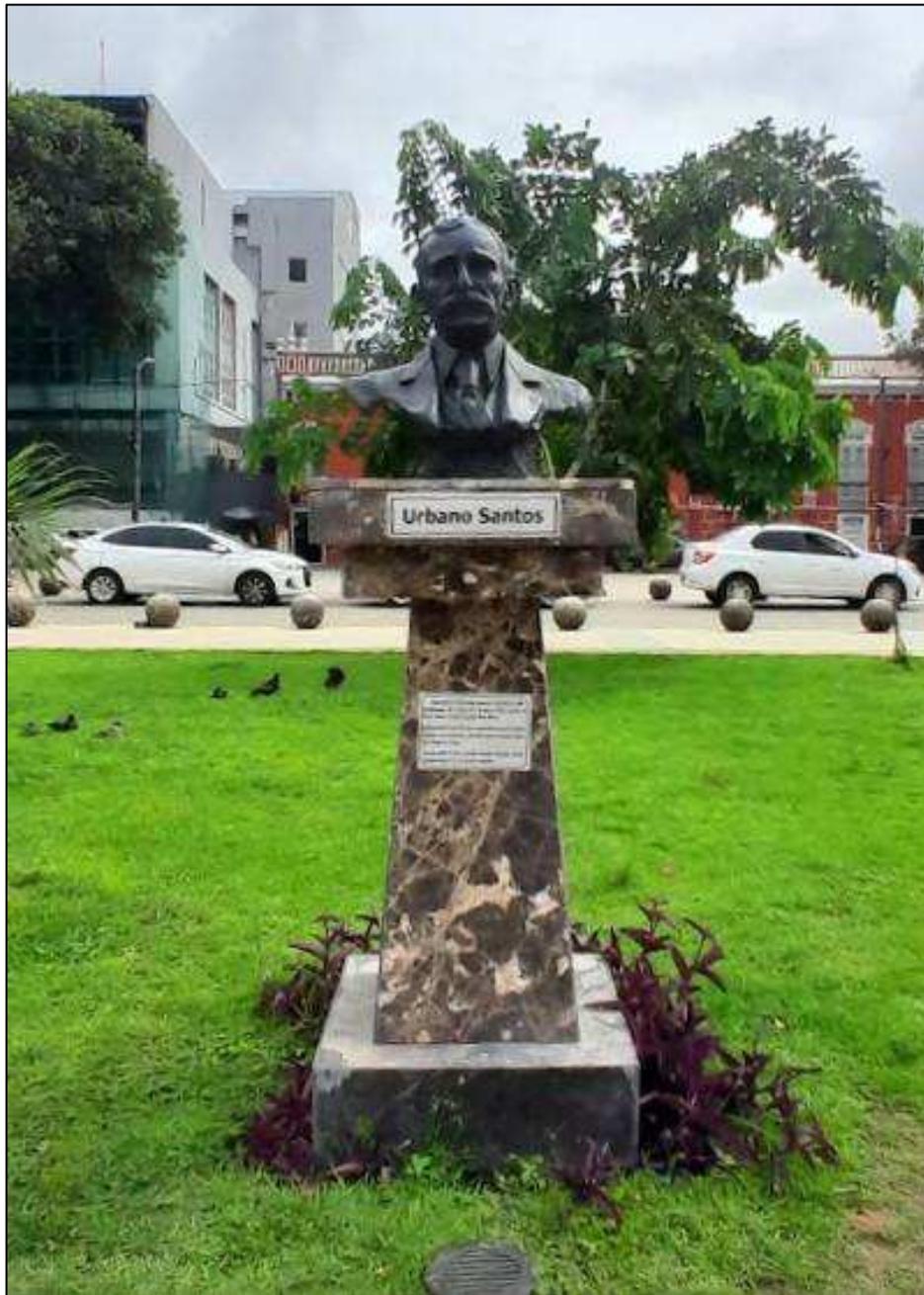
Jomar Moraes, Nascimento de Moraes Filho, Sousândrade e Humberto de Campos, sendo este último uma reposição de uma estátua anteriormente roubada em 2005. Esses novos marcos foram escolhidos por meio da Lei n.º 3.697, de 20 de abril de 1998, e selecionados pela Academia Maranhense de Letras (AML) (FUMPH, 2022).

Figura 56 – Sequência de bustos na Praça do Pantheon



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 57 – Busto de Urbano Santos



Fonte: Elaboração Própria.

Há ainda um novo monumento, também localizado na Praça do Pantheon, uma escultura e mural em formato que representa mãos tocando matracas, um icônico instrumento musical do Bumba meu Boi maranhense, acompanhado de uma pintura com diversas formas geométricas e bastante colorida. Essa obra possui três réplicas no total e faz parte de uma manifestação artística do muralista, grafiteiro e artista plástico Origes, organizada pela Mobiliza SLZ (Mobiliza São Luís) (MOBILIZA SLZ, 2021).

Figura 58 – Escultura de matracas

Fonte: Elaboração Própria.

9.6 Entorno

Devido à sua natureza como local voltado ao comércio, é perceptível o grande fluxo de pessoas transitando pelo Complexo Deodoro, que não utilizam as praças necessariamente como espaços de vivência, mas sim de passagem. Assim, observamos a presença de diversos vendedores ambulantes próximos aos estabelecimentos comerciais, no entorno do Complexo. Além disso, destaca-se a

grande quantidade de pessoas circulando pela Avenida Gomes de Castro, atraídas pelos pontos comerciais ali existentes.

Figura 59 – Vendedor de churros na Alameda Gomes de Castro



Fonte: Elaboração Própria.

No lado norte da praça, na Avenida Silva Maia, embora haja alguns pontos comerciais, o aspecto mais relevante dessa avenida são os pontos de ônibus que atraem muitas pessoas necessitadas de transporte público para sua locomoção, gerando assim uma intensa circulação de pedestres nessas paradas.

Figura 60 – Aglomeração de pessoas em ponto de ônibus na Avenida Silva Maia



Fonte: Elaboração Própria.

Devido à importância do Complexo Deodoro para o comércio e a sua localização geográfica, existe um grande contingente de linhas de ônibus passando pela avenida Silva Maia, fazendo com que haja um total de 3 pontos de ônibus individuais ao longo dessa avenida, distribuídos e sinalizados de forma similar as plataformas de ônibus encontradas nos terminais de integração de ônibus de São Luís.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi realizado o levantamento histórico e fotográfico do Complexo Deodoro, com a finalidade de compreender o seu desenvolvimento. Para isso, foi estudado a sua origem, os diversos registros fotográficos dos principais álbuns do estado, e comparado as imagens obtidas atualmente.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, pudemos observar as mudanças e desenvolvimento do que hoje conhecemos como Complexo Deodoro, acompanhando, através dessas fotografias, todas as diversas formas que este lugar adquiriu até chegar nesse importante espaço urbano que ele é atualmente.

Foi possível perceber o quanto o traçado das praças foi modificado ao longo desses anos, principalmente em comparação as alamedas, que mantiveram as suas delimitações praticamente intactas. De modo geral, a estrutura e formas do Complexo Deodoro possuem linearidade, com exceção de um período que o local possuía formas mais orgânicas.

Através dessas fotos, conseguimos acompanhar como o desenvolvimento da tecnologia afetou a região. Originalmente sem postes, o complexo foi gradualmente sofrendo com a urbanização, que trouxe uma grande quantidade de fiação exposta ao local, mas essa mesma tecnologia se desenvolveu, e logo tivemos a área interna sendo abastecida de forma subterrânea, restaurando a paisagem urbana.

Também foi notável acompanhar como a vegetação possui um papel muito importante na história do complexo e como muitos exemplares conseguiram sobreviver até hoje. Apesar de que muitos outros foram retirados, o novo planejamento paisagístico restaura uma quantidade significativa de árvores, com novos exemplares.

Como vimos na obra de Kevin Lynch, essas modificações que o Complexo Deodoro sofreu acompanhou as mudanças no uso desse espaço público, deixando de ser apenas um largo associado a um quartel para se tornar o polo econômico que conhecemos, atraindo diversas pessoas para as mais diversas finalidades, sempre atualizando a sua imagem.

Portanto, hoje encontramos um complexo revitalizado, que visa trazer maior conforto e praticidade para todos que ali transitam, ao mesmo tempo que se nota

uma tentativa de restaurar parte de seu traçado original, porém de forma autêntica, deixando claro que é uma reforma contemporânea.

No entanto, ainda conseguimos encontrar alguns problemas, como quantidades significativas de lixo espalhados pelo local, e a qualidade dos banheiros públicos, que necessitam de maiores cuidados.

REFERÊNCIAS

ÁLBUM do Maranhão. Rio de Janeiro: Spala, 1908. v. 1. ISBN 85-7048-028-8.

AMAR, Pierre-Jean. **História da Fotografia**. [S.l.]: edições 70, 2001. 136 p. ISBN 9789724410968.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 180 p. ISBN 85-209-0480-7.

BEZERRA, Juliana. **Renascimento**: características e contexto histórico. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BORGES, Débora Garreto. **Usos e territórios do espaço livre público**: o caso da “Praça Deodoro” em São Luís – MA. 2005, 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3517>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CREGAN, Brian. **How to make a Pinhole Camera or Camera Obscura**. 18 jan. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://briancreganphotography.com/How-to-make-a-Pinhole-Camera-or-Camera-Obscura>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FILHO, José Oliveira da Silva. **A construção de uma visualidade sobre o Maranhão a partir de álbuns de vistas (1899–1913)**. 2018, 272 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/13050/1/000490019-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO (FUMPH). **Prefeitura de São Luís entrega bustos restaurados e instala novos na Praça do Pantheon, no Complexo Deodoro - Centro de São Luís**. [S. l.], 28 set. 2022. Disponível em: <https://www.saoluis.ma.gov.br/fumph/noticia/40103/prefeitura-de-sao-luis-entrega-bustos-restaurados-e-instala-novos-na-praca-do-pantheon-no-complexo-deodoro-centro-de-sao-luis>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GALDINO, Elaine. **Calótipo ou Talbótipo**. 2015. 1 ilustração. Disponível em: <https://photoseculoxix.blogspot.com/2015/05/calotipo-ou-talbotipo.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

GOOGLE MAPS. **Google Maps**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.google.com/maps/>. Acesso em: 10 out. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Cidades históricas, inventário e pesquisa**: São Luís. Rio de Janeiro: Edições do Senado Federal, 2006. v. 85.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Concluída primeira etapa das obras na Rua Grande, em São Luís–MA.** [S.l.], 17 set. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4947/concluida-primeira-etapa-de-obras-na-rua-grande-em-sao-luis-ma>. Acesso em: 15 fev. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (RJ). **Os programas de urbanização de favelas no Rio de Janeiro.** 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetroles.net.br/os-programas-de-urbanizacao-de-favelas-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem.** Lisboa: Edições 70, 2007. 176 p. ISBN 978-972-44-1389-1.

JORGE, Miécio de Miranda. **Álbum do Maranhão.** São Luís: [s. n.], 1950. v. 1.

JUNIOR, Jair Messias Ferreira. **História da fotografia.** 2023. 2 fotografias. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/historia-da-fotografia.htm>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 184 p. ISBN 978-85-7480-599-3.

LYNCH, Kevin Andrew. **A imagem da cidade.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1960. 190 p. ISBN 972-44-0379-3.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão.** Rio de Janeiro: Editora Admirador-Fan e Seleta, 1970. 634 p.

MEIRELES, Rafael. **Conhecendo a Rua Portugal, a mais charmosa de São Luís–MA.** 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://viajantesemfim.com.br/conhecendo-a-rua-portugal-a-mais-charmosa-de-sao-luis-ma/>. Acesso em: 25 set. 2023.

MOBILIZA SLZ. **Mobiliza SLZ instala mais uma escultura de matracas em São Luís.** [S. l.], 4 jul. 2021. Disponível em: <https://www.mundopassaporte.com.br/post/mobiliza-slz-instala-mais-uma-escultura-de-matracas-em-sao-luis>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MOREIRA, Rogério. **Imagens raríssimas da Exposição Universal de 1900.** [S. l.], 12 maio 2016. Disponível em: <https://parissemeparis.com/imagens-rarissimas-da-exposicao-universal-de-1900/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MUSEU NACIONAL - UFRJ (Rio de Janeiro). **Horto Botânico. *Ixora coccinea*.** [S. l.], 19 dez. 2019. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/hortobotanico/arvoresearbustos/ixoracoccinea.htm>. Acesso em: 13 fev. 2024.

NETO, Cid Costa. **Máquina do tempo: Daguerreótipo.** 2011. 1 figura. Disponível em: <https://www.resumofotografico.com/2011/09/maquina-do-tempo-daguerreotipo.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NOWATZKI, Alexei. **Domínios Morfoclimáticos e Fitogeográficos do Brasil**. [S. l.], 13 out. 2011. Disponível em: <https://profalexeinowatzki.wordpress.com/dominios-morfoclimaticos-e-fitogeograficos-do-brasil/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011. 75 p. ISBN 978-85-407-0043-7.

PROGRAMA ARBORIZAÇÃO URBANA (UNIPAMPA). Bougainville: Três Marias. [S.l.], 14 nov. 2011. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/programaarborizacao/bougainville/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

ROSENBLUM, Naomi. **A world history of photography**. 3. ed. Nova York: Abbeville Press, 1997. 748 p. ISBN 0-7892-0028-7.

SOARES, Zeca. **Edivaldo amplia frentes de trabalho no Cohatrac**. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/zecasoares/2019/10/28/edivaldo-amplia-frentes-de-trabalho-no-cohatrac/>. Acesso em: 25 set. 2023.

SUPERINTENDÊNCIA DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E PAISAGÍSTICO DO MARANHÃO (SPPHAP). **São Luís – Oiti da Praça Deodoro**. [S.l.], 15 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/Sao-Luis-Oiti-da-Praca-Deodoro/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

VIEIRA, César Bastos de Mattos. **A fotografia na percepção da arquitetura**. 2012, 372 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/53735/000852434.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 mai. 2023.